



SUSANA FUENTES

# Carta ao Sol

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES  
**funarte**

**Carta**  
**ao** **Sol**

**Presidente da República**

Jair Bolsonaro

**Ministro do Turismo**

Marcelo Henrique Teixeira Dias

**Fundação Nacional de Artes — FUNARTE**

**Presidente**

Dante Henrique Mantovani

**Diretor Executivo**

Leônidas José de Oliveira

**Diretora do Centro de Programas Integrados**

Maristela Rangel

**Gerente de Edições**

Jose Mauricio Moreira

SUSANA FUENTES

Carta  
ao Sol

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES  
**funarte**

**Equipe de Edições**

Carlos Eduardo Drummond  
Gilmar Miranda  
Jaqueline Lavor Ronca

**Revisão**

Tikinet | Mônica Silva

**Capa e Projeto Gráfico**

Tikinet | Aline Maya

**Diagramação**

Tikinet | Pamela Silva

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)****FUNARTE /Coordenação de Documentação e Pesquisa**

---

Fuentes, Susana.

Carta ao Sol / Susana Fuentes. – Rio de Janeiro: FUNARTE, 2019

128 p. ; 23 cm

ISBN 978-85-7507-208-0

1. Contos brasileiros. Título.

CDD B869.3

---

Copyright © Funarte

Todos os direitos reservados.

Fundação Nacional de Artes — Funarte

Av. Presidente Vargas, 3.131 — Cidade Nova — CEP: 20210-911

Rio de Janeiro — RJ | Tel. (21) 2279-8071 | [livraria@funarte.gov.br](mailto:livraria@funarte.gov.br)

[www.funarte.gov.br](http://www.funarte.gov.br)

Este livro foi produzido na cidade do Rio de Janeiro pela Fundação Nacional de Artes — Funarte e impresso na Triunfal Gráfica e Editora no primeiro semestre de 2020.

# SUSANA, A PALAVRA QUE REVERBERA

Susana Fuentes é uma criadora que imerge na linguagem e no fervor narrativo com igual equilíbrio. Ao conjugar dois extremos que se necessitam, ela se submete às exigências e às peculiaridades da arte de narrar, enquanto, por sua condição de atriz, adiciona à criação gestos, vozes, movimentos corpóreos, sons, todos provindos de matéria teatral.

Como escritora, palmilhou o romance e o conto com igual devoção. Testada assim em tantas vertentes da escrita, deu seguidas provas de sua integridade criadora. Sua biografia, aliás, confirma um talento narrativo merecedor do reconhecimento público que ora desfruta.

Surge agora, em 2020, reassegurando sua vitalidade no ofício, o livro *Carta ao Sol*, cujo título, referendando seu mistério poético, bem condiz com o ardor criativo que a anima na construção da arte.

Os contos revelam como a autora trafega pelo verbo e pelo espaço do palco, confiante na substância que empresta essencialidade à escrita e a fecunda.

A intimidade com variados aspectos cênicos, aparentemente alheios à arte narrativa, provoca no texto um efeito encantatório, inesperado. Uma influência sensorial que faz

jorrar da superfície das palavras um rastro secreto, certo ruído melódico.

É mister realçar que Susana Fuentes, ao usar a linguagem como se dedilhasse um instrumento de corda em busca de um som plangente, confere aos objetos, pretextos em si da própria vida, uma harmonia que reverbera; gera, em ação quase imperceptível, o sentimento da perda, da dor, do espanto humano diante do infinito que é um destino comum.

No novo livro, Susana Fuentes dá continuidade a uma escrita que se faz presente em *Escola de gigantes*, seu primeiro livro de contos. Também em seu romance *Luzia*, a protagonista, em acertados lances narrativos, aceita os efeitos multiplicadores da arte em sua vida, quando sucumbe ao jugo das artes do mundo com o intuito de construir uma outra identidade.

Nos textos subsequentes, a estratégia narrativa da autora, de refinada inspiração, realça aquele repertório resguardado na penumbra humana, à vigília do tempo, a fim da linguagem revelar o que habita o silêncio ao lhe faltar música. Para que os personagens, com respiração temerosa, alternem vozes, insinuem, em contraponto, memórias abrasivas, acolham os vazios inerentes a cada ser, assegurem-lhes uma convincente identidade ficcional.

E é o que se espera de uma autora.

**Nélida Piñon**

# SUMÁRIO

Um quadro no meio do jardim	9
Aula de russo	15
Meus olhos de andar em Paris	17
Tempestade	21
Pão e Tulipas	25
Passarinho	29
Anotações de Berlim	33
Lembranças futuras	39
A Arca de Noel	41
Barquinhos	47
O último táxi	49
Sol	57
A madona de Piabetá e parador Bangu	59
Antes do carnaval	63
Por um minuto de atenção	65
quadrilha	67
texto alternativo automático	69
Neste momento que não é grave	71
Livraria, café, noite	73
O pão nosso de cada dia	75



O besouro	77
De pãezinhos e túmulos	79
Arena para gatos	85
Mosaico de azulejos partidos	89
Ruas, passagens, esquinas	91
Antonia e Antonia	97
Edifício Kafka	99
O cavaleiro da bela figura (ou De como fazer inimigos)	103
Natal clandestino	107
A ver se passa	109
A escultura de pedra e a árvore de papel	111
Doroteia	113
O tempo do gato	115
Fragmentos	117
Carta ao Sol	123
Atravessando o jardim com Borges	125

# UM QUADRO NO MEIO DO JARDIM

Eduarda seguiu caminho até a praia. Tomaria o atalho mais bonito: a linha reta sob as árvores do Jardim de Alah. Na direção da praia, tomava o lado direito, no Leblon. Para voltar, em direção ao prédio, o lado esquerdo, em Ipanema, onde, ao longo do canal entre os dois bairros, de novo ouvia os cães.

Antes de deixar o prédio, Eduarda olha o pátio, um quadro no meio do jardim. É a sorte de ter jardim e a portaria não ser imediata, vê-se todo aquele pátio como praça rodeada de gente, de vida, bicicletas e carros. Até um helicóptero acaba de passar, como se não quisesse ficar de fora da sequência, excluído da enumeração dos transportes, afinal helicóptero vale pelo nome, a palavra conserva o pitoresco, mais do que o objeto, que já é lugar-comum, passeio de turista, ação policial, repórter aéreo sobre o trânsito. O incomum que ainda conserva é sobre o mar, sua função de salva-vidas.

Antes de sair para a praia, Eduarda resolve o pátio para si. Entra naquele quadro. O banco, o sol, a vida que não para de deslizar em volta, o barulho do trânsito, o chiado do pássaro selvagem no alto da casuarina, lá do outro lado, vendo também a vida passar. Eduarda e o pássaro paravam o tempo, sombreavam o tempo com falta do que fazer, enquanto a gente caminhava em todas as direções lá fora, na rua. Três crianças, três meninas, entraram pelo portão, vinham da rua, começaram a brincadeira, o pátio é obrigatório entre a rua e a casa, ao pátio, ao pátio, foi aí que se completou o quadro. A menina mais nova sente-se observada. O que Eduarda diria a ela então? Nada vi mover-se além de um roçar de olhos.

Passado o instante congelado no tempo, Eduarda abai-xou-se para apanhar o papel que caiu do bolso, não trazia nada consigo, ainda assim aquele papel, sempre algum picote no bolso, nada escrito, mas serve de pretexto para que se abaixe, com o joelho no chão, as pedrinhas grudavam na pele. Acariciou os fiapos da grama que furava o canteiro. O sol se põe no canteiro, também as mãos se põem ali para a despedida. Aí algo que ainda posso tocar, ela pensa. Enquanto todo o resto está por um fio e me escapa.

A música. O baile cubano. Como era mesmo? O *danzón*, como era o começo? A música dissonante no *danzón* desen-contrado em ecos do Oriente. A percussão quebra na areia o silêncio das nuvens. O sopro do vento nas nuvens convoca o agudo dos metais. No *danzón*, o movimento deve ser muito sutil quase sem deslocar-se na pista. Deve-se ocupar o lugar de uma moeda, quase sem se deslocar no salão, assim sem sair do lugar percorria mundos.

No canteiro, um copo vazio de plástico. Colheu nele um pouco de terra. Sacudiu o copo e a terra escorregava rasteira no fundo, rodava como chocalho na parede do copo, Eduarda fantasiou que aprisionava um mordente. Viu a terrinha no fundo, perdeu de novo a conta do tempo, enxergou as meninas no

banco do prédio (não tão moderno, com aquelas grades de zoológico) picando pedacinhos de papel para preparar os doces da festa. Festa inventada com tiras de pano e tampinhas de plástico. No copo de terra, chuvisco leve, som de pau de chuva. O sol apontou para outro lado do canteiro e Eduarda correu a esvaziar o copo, colher d'outra terra, mais brilhante. Ah, se colho a areia regada de sol, por que em seguida ela perde o dourado? Na sombra há que brilhar também.

Que berro foi esse? Uma das crianças deu um grito. A menina mais nova logo se curvou, sacudindo as mãozinhas no ar, e, batendo os pés no chão, parava, como se esperasse a salvação pela mão da amiga que examinava seu dedo. O que foi aquilo? Doeu de novo, porque logo soltou outro grito e voltou a chorar. Eduarda impressionou-se com o choro: quando a gente é criança, pensou, sempre se espeta nas rosas. Há sempre uma farpa no dedo. Espeta-se o dedo na agulha. Prende-se o dedo na porta do armário. Cortamos o pé no azulejo da piscina e sempre aparece um amigo com o braço enfaixado e uma caneta na mão, pois que acabou de quebrar o braço.

A essa altura já havia tomado o caminho da rua e, vendo que o choro passava, desligou-se da cena. Quando chegou à pista de carros, súbito foi tomada de um pavor. Porque não levava celular, documentos, nem chave... só o papelzinho e uma pequena toalha para secar os cabelos quando saísse da água. Ainda alguns trocados caso depois passasse na feira. Para afugentar a leveza de trazer tão pouco consigo, atravessou logo a pista e correu até a areia. O horizonte estava bonito, com tons de rosa num céu que já se apagava nas nuvens. Tirou os chinelos e acelerou a marcha. Pisar descalça na areia, ver a grande extensão de água, a quebra das ondas na espuma... o pavor cedeu ao primeiro toque dos pés na água, como se ali o corpo falasse mais alto que o medo. O corpo sem apavoramento, sem pensamentos de culpa e sem dor. Sabia que a água fria ao tocá-la nas costas daria um tapa na dor. E, quando conseguisse mergulhar todo o

corpo, o gelado massageando os cabelos e fazendo flutuar as raízes no couro cabeludo espantaria da cabeça toda a coisa confusa.

Foi como imaginou. Na vontade de ser libertada do medo, mergulhou de novo os pés e nas ondas ouviu Zeus e fez sinal a Iemanjá. Mas estremeceu, porque então pisava em águas profanas. Olhou para o céu, fez reverência ao Deus supremo e único e no pedido de desculpas estava abençoado o mar. Depois, num impulso de quem retirava o pedido, rápida correu das ondas, era a única a mergulhar num raio de cem metros, já escurecia, e correr a fez sentir-se como um cachorro que avança latindo para as ondas para em seguida fugir do contra-ataque. As ondas, a espuma, de novo Zeus. Para esquecer os pensamentos deitou com a pele tocando a areia. O que nunca tinha feito, assim. Talvez quando menina tivesse se deitado na areia sem uma toalha, mas não se lembra. Como começava o baile? Um trompete... Taaa taaa, taa... Depois entram as clarinetas e as flautas. Respirou estendida na areia, sujando o biquíni, as costas, os cabelos. Ao longe, o *danzón*.

Ao longe é modo de dizer, porque para Eduarda o *danzón* sempre começa de surpresa, nestes três ataques do trompete: Taaa taaa, taa... E não há o que questionar, os metais em uníssono respondem ao chamado, entram irrepreensíveis na tônica do compasso. A percussão desde o início acotovela-se, espaçosa, o tímpano avança em síncope, às vezes quase vem mas espera e se arrasta, até que alguns compassos à frente um metal deixou-se contagiar, e sem aguentar mais argumenta em contra-voz que não, daqui sigo sozinho, e sua frase sai da métrica de modo a explicar-se antes que a frase termine. Pausa súbita, como que a comentar no silêncio... ah, ele é sempre assim. Em seguida a essa mínima espera, respiração bem-vinda, o tempo exato de um suspiro, todos retomam seus lugares e a resposta vem leve, como se o excesso ele mesmo soubesse suas medidas. Antes da pausa, o que vinha era o berro do elefante, daqueles que fazem chispar espadas na linha de fogo e assopram os véus

em mil serpentes na noite. Feita a pausa, vem resposta à luz das gambiarras, de bailes onde as moças rodam os seus vestidos frescos, estampados, tudo está como devia ser, nada vai mudar, ninguém vai morrer jamais.

Quando fixou os olhos no alto, as nuvens eram feitas de algodão, num céu de chumaços escovados pelo vento. Céu úmido e silencioso. Reparou que olhando para o alto deixava de ouvir o mar. Ficou atenta ao silêncio das nuvens. Sem suportar por muito tempo a imensidão, levantou correndo e num último mergulho limpou as costas da areia. Quando voltou do mergulho abaixou-se com a cabeça na altura dos joelhos para deixar escorrer a água dos cabelos, avistou o horizonte de cabeça para baixo, por entre as pernas. Tomada de espanto, se perguntou por que não tinha feito isso sempre. Taaa taaa, taa... recuperadas as forças, ah, não se deixe enganar, isso foi um descanso apenas, os três ataques de novo, o trompete sopra com toda a força dos pulmões. De cabeça para baixo, as águas se confundem, o baile na baía, jardins de Alah, terras do Oriente. Tudo ficava maior e caudaloso: o mar, o morro Dois Irmãos, a favela de luzes piscando (amarelas, luzes quentes, ainda por algum tempo vencendo das frias por trocar). A orquestra no pedacinho colorido da noite, às águas basta se ouvir. Começam a secar os pingos das pontas dos cabelos. Dessa visão em diante, Eduarda carregaria a paisagem entre as pernas, e abaixando-se para apanhar algo caído no chão, um lápis que fosse, um papel, aproveitaria o instante para forçar a vista até certificar-se de que o mar ainda estava lá, de cabeça para baixo, na paisagem que era sua.



# AULA DE RUSSO

O menino na aula já se distrai com outra coisa, Alma Aleksandrovna Pávlova há algum tempo tenta recuperar sua atenção. As letras do alfabeto aparecem coloridas nas páginas sobre a mesa. Na gravura, uma bruxa em sua cabana suspensa sobre um grande pé de galinha. *Esta é a Baba Iaga, veja só.* E a letra russa correspondente ao som do b começa a ser pintada de verde. Alma troca com seu novo aluno alguns lápis com a ponta por fazer, o menino quer todos. Ela quer capturar seu interesse para o desenho daquela letra. Assim, mostra-lhe como funciona o lápis de cor com efeito de guache: *é só umedecer a ponta colorida.*

Enquanto explicava, Alma Aleksandrovna achou engraçado que o menino olhasse com tanta atenção para a sua boca, para o lápis na língua em sua ação de espalhar a tinta na folha. Só muito tempo depois, Alma ainda espantada com seu interesse, só muito tempo depois o menino diz: *sua língua está verde.* Meu Deus! Era preciso ver a expressão no rosto de Alma. Não imaginava que o menino olhava era para outra coisa. Seu olhar admirado não era para o efeito de tinta na ponta do lápis, que Alma Aleksandrovna com empenho cada vez maior, satisfeita com a atenção do seu aluno, lambia cada vez mais: *tome, tome,*



*agora experimente você.* E na indecisão do pequeno em copiar seu gesto, ela repetia a demonstração, com convicção redobrada.

*Sua língua está verde.* Alma desabou do alto de seu entusiasmo. Suas bochechas vermelhas davam-lhe um ar esbafo-rido e sinais de exaltação. Então era a mancha verde na língua, tratava-se da mancha a cada demonstração do lápis. Alma não sucumbiu ao desapontamento e logo atribuiu a seu menino, agora já o chamava assim, o seu menino, a curiosidade de um biólogo ou cientista, estes sim precisam estar alertas para a possível explosão entre tubos de ensaio e palhetas. Quando Alma Aleksandrovna buscou um espelho para verificar a mancha, o menino também olhou a própria língua no espelho, feliz porque a dele não, não estava verde, porque, e verificou cuidadosamente, a dele sim, continuava limpa.

# MEUS OLHOS DE ANDAR EM PARIS

Meu objeto em Paris é a luz.

A folhagem recebe a brisa no alto das árvores, e por toda a rua ofusca os olhos com pontos cor de prata.

A Paris dentro de nós, a vida nas esquinas.

Caminho pelo jardim para aproveitar o primeiro dia azul de primavera, que nesse ano tardava a chegar. Ou pelos jardins onde estive. E continuo a caminhar no caderno onde escrevo, porque sei que há a pedra tal, sob o banco tal à margem do lago.

Inventaram um espetáculo para você, disse a minha amiga de Paris que mora próximo ao parque de Batignolles, no 17ème, quando me aproximei e eles se enfileiraram na beira do lago para beber água. Os patos. Como gostam de ser vistos. Dois pequeninos de casaco marrom bebericavam a água perto da cascata e mais dois da mesma cor também entraram no quadro.

Em diagonal, num ritmo próprio, um deles vinha sozinho, o que acentuava sua entrada de solo na orquestra. Em dupla, outros com pinta de ganso mergulharam n'água, o primeiro em rasante, peito empinado, bateu as asas e pedalou sobre o lago antes de molhar as penas.

Os patos de máscaras verdes cintilam e começam a mergulhar a cabeça, buscam com determinação, a golpes de bico, algo que porventura tenham perdido na água. O peixe vermelho cumpre o caminho no lago em igualdade com os patos.

Deixando o lago, caminhamos pela Allée Barbara, passamos pela gruta, o quiosque, a sequoia gigante. Saímos de lá com a máxima de minha amiga parisiense: Susana se apaixonou pelo pato de Batignolles.

A criança fica ao meu lado. Vê o pato. Vê o que eu vejo. Olha o pato pela tela da câmera. Olha fixamente, num movimento lento, com um interesse tão profundo que me espanto. O menino e eu, sem piscar. E nessa cumplicidade, ousava desobedecer ao pai que já alguns metros adiante, com a filha mais velha chamava pelo garoto. Devia ter um ano e meio, dois, talvez. Como me entendo com as pessoas que estão há poucos anos neste mundo!

A criança esquecida do tempo, diante daquela aparição duplicada na câmera. A criança, tão pequena, acolhe os dois, o pato ao vivo e o pato da câmera. Duplica o meu olhar também. Enquanto o pato em seu mistério continua um só.

O menino nada fala, e aproveita o meu interesse pelo pato para demorar-se ali. O pai, de longe, ainda chama por Antoine.

Mas sim, às vezes sei dar limites quando, por exemplo, na Île Saint-Louis a mãe saiu desesperada atrás do menininho. Ele deslizava livre, seguro de si, montado no patinete. Agarrei o garoto que já disparava no meio da rua por onde passavam carros e a mãe parisiense agradeceu-me pela coragem e disposição em segurar o menino.

Nessa alteração de ritmos da cidade, incluo o tempo de fala de uma avó no parque Monceau: ah, tem que ter paciência, *on doit être patient*, no desabafo dirigido a mim que já havia me afastado da fonte de água potável para não incentivar Jean-Luc em seu encantamento. Na fonte mecânica, Jean-Luc copiava o meu gesto de apertar o botão e deixar que escorresse o filete d'água.

O rendilhado de sombras mostra a paisagem onde fecho os olhos para sentir o sol.

Meus olhos de andar em Paris.

Na linha do caderno atravesso a cidade, vou até o Musée de Cluny. No tapete medieval vejo a Dama e o Unicórnio diante do espelho, o fundo de galhos floridos ao lado de ervas e bichos. Esse tapete que se estende aos sentidos. E no jardim lá fora, o musgo nos muros de pedra, pontilhados de jasmim entre figueiras e romãs. Nos canteiros, alecrim, hortelã. Lírios apontam as treliças de arbustos de rosas e madressilvas. Puxo o fio do tapete, também Paris se estende diante de nós e tempera os sentidos. O trançado de fios de um tapete *mille fleurs*. Sim, habitamos os rabiscos de renda dos telhados, o fundo de plantas, morangos, miosótis, jacintos.

O recorte trançado da Torre Eiffel invade o espaço e cria um campo a seus pés, o jardim onde podemos caminhar, a Torre inventa a amplitude ao seu redor, e insiste no tempo do que não se descarta, do que não é breve. Acena aos habitantes da cidade, e pode vê-los do alto: o gato Marruse na rua em Montmartre. E também Minette, entre as mesas de toalhas quadriculadas de vermelho e branco, no restaurante do Quartier Latin.

Ontem mesmo, voltei ao Louvre com o novo filme de Sokúrov... *Francofonia*. Também reencontro o pequeno teatro na Îles de Saint-Louis onde assisti a uma peça de Marguerite Duras. E na Bibliothèque Nationale de France, o globo celeste gigante com desenhos dos bichos e constelações sobre o azul-marinho, onde filigranas douradas riscam o céu noturno.

*A Gaiivota*. Irene Jacob no papel de Nina. Bilhetes comprados por minha irmã, depois que vimos o cartaz no metrô.

Théâtre des Bouffes du Nord! Desde então, a cada visita é certo, encontro Tchékhov em Paris.

No Rio, aos dezesseis anos, eu subia no telhado de casa depois de ouvir Françoise Hardy. Assistia aos filmes de Truffaut e acompanhava nas telas Fanny Ardant. Catherine Deneuve. Jeanne Moreau. E mais tarde, Juliette Binoche.

Na Place du Châtelet, as quatro mulheres guardam a Coluna da Vitória. Prudência, Temperança, Justiça e Força.

Meu último dia em Paris. De manhã, à mesa do café, livros, e o álbum de fotos de minha amiga francesa. Ao lado de objetos cotidianos, o pão da padaria Augustine descansa próximo às frutas. Os primeiros brotos verdes rompem pela janela.

Ali, a figura feminina que faltava: entra a Primavera, na mesa inundada de luz.

# TEMPESTADE

Ora, quando Joana quer ver o céu sem parecer distraída, para, abre a bolsa, tira a garrafa d'água e leva o gargalo à boca, suspendendo a garrafa de modo a ver todo o céu de que precisa. Foi assim que naquele dia ensolarado no Largo da Carioca deu de cara com a nuvem no céu. O convento de Santo Antônio estava ali para capturar seus olhos. O sol lançava todo o seu brilho na parede branca. Olhou para o alto, a seu redor. O céu, uma cúpula azul entre os edifícios. De repente, a nuvem gigante. Era a natureza se impondo na paisagem vertical dos homens. Tudo o que é horizontal abaixo do céu é obra da natureza, tinha lido na exposição que vira na cidade, na rua Goethe. Hundertwasser, esse artista da Áustria, arquiteto, pintor. Seu nome em português, Centenas de Águas. Bonito. E Joana pensou que o convento de Santo Antônio pregado sobre a rocha, em repouso ao longo da rocha, queria ser criação divina. Horizontal sob o céu. Contra a nuvem ninguém pode, nem os arranha-céus. Quero uma foto disso tudo, para guardar este dia. Ei, bate uma foto minha. Mas o trovão fazia todo o mundo bater em retirada. Havia tirado uma foto em frente ao metrô novo da praça Nossa Senhora da Paz. Agora imaginava um retrato ali, na Carioca. Seus primeiros dias de Rio de Janeiro. Estivera no Largo do Machado, na praça em frente à Igreja da Glória. Nessa correria era mais difícil tirar uma foto.

Até então estava tudo tão calmo. Decidida, virou a câmera em sua direção. Um pouco sem graça de fazer a foto e todo o povo correndo. Xi, outro trovão. No susto, disparou o gatilho. Os pingos de chuva aumentaram. E resolveu correr. Pingos grossos caíam em intervalos cada vez menores. O toldo da barraca de livros foi seu primeiro abrigo. Comprou uma revista para usar de chapéu na corrida até o metrô. Ainda garantia a leitura da viagem. Gostava de ler, principalmente revistas. Pensou na cidade que começava a conhecer. Nem se importava com a blusa molhada e o vagão cheio. Apertou o botão na máquina para ver como tinha ficado a última foto. Seu rosto não estava lá, com o susto errara a pontaria. A nuvem, a nuvem gigante ainda estava ali, agora pequenina na máquina, mas via-se que era grande, porque cabia em quase todo o céu que sobrava na tela na ponta dos edifícios. Mas o convento não, parecia menor do que vira na realidade. O convento, e ela também, encolhiam-se diante da nuvem. Sentiu-se pequenina e em paz. Na câmera levava a paisagem consigo. Em seguida ao metrô, entrou no ônibus sem pressa de voltar para casa, que encontraria vazia. Era o primeiro passeio que fazia só, a sua primeira coragem, depois da separação. As poças d'água demoravam a esvaziar, mesmo com o fim da chuva.

No ônibus, subiu uma família de mãe, filho mais velho, filha do meio e a caçula, a mãe toda carregada sentou-se no fundo e as crianças ocuparam os primeiros assentos. Apareceu o vendedor de picolé. Dois reais. O menino tinha um real, e correu até a mãe atrás de mais uma moeda, seguido pela irmã do meio. O vendedor de picolé também sumiu na traseira do ônibus e uniu-se ao burburinho de vozes. Não voltavam. Joana ficou atenta, tomava conta da meninota, que nos primeiros embalos do ônibus caíra no sono. Continuava ali, dormia profundamente. Joana tomava conta também do espaço vazio onde antes estava a irmã, para que ali ninguém se sentasse. Mas entre os passageiros que entravam nenhum se aproximou, só ocuparam

o lugar deixado pelo menino, o banco à frente na fileira seguinte. Num gesto imprevisto, Joana virou-se na direção oposta. E por sua janela, sem acreditar em seus olhos, uma cena em suspensão. Uma figura muito parecida com a mãe estava lá, carregada de tralhas. Sim. Era a mãe, já lá fora, na calçada. Os irmãos pipocaram na cena. O garoto alto, a garota espichada de cabelos compridos. Haviam se esquecido da menina.

Raquel. Seu nome de repente soava ao longe, era a irmã mais velha que chamava, em desespero. E o nome atravessou o sonho, a pequena Raquel acordava. Era um mundo diferente do que ela havia deixado, sem o aconchego dos risos, da conversa a chacoalhar o ônibus e embaralhar palavras. Num segundo, deu-se conta de que estava só. Disparou até a roleta, um bichinho no impulso de escapar sem saber para onde. Joana agarrou a sua mão, ao mesmo tempo em que disse “Venha, sua irmã está aqui.” Foi rápida, como que para anular o abandono, assegurar o mínimo de confiança e não deixar o susto tomar corpo, tomar o seu corpinho pelo trauma de um tempo que poderia ser eterno naqueles poucos instantes. A irmã mais velha corria num zigue-zague apontando a janela, Joana já gritara para que o ônibus não arrancasse. Aquele ponto era o último antes do túnel. A garota espichada atropelou-se nas pernas e pronto, recebia das mãos de Joana a irmã de volta. Olhou para a pequena e disse: desculpa, desculpa, com a mão no peito, espantando-se com o próprio ato. Lá fora a mãe ralhara com a pequenina, ela ainda com os olhos sonolentos, e deu-lhe um tapa no braço, Joana tentaria mais tarde se lembrar, cúmplice desse ser que apanhou sem ter culpa. Mas a bebê nem reclamou. Apesar do desapontamento, da bronca, estava segura entre os seus, os instantes de abandono deixados para trás. Joana salvara a pequena. Sentia-se bem. Saltou da condução. Em casa, voltou a olhar as fotos, a nuvem, sua vida sem Pedro. Como a garota, ela estava só. Acordava para outra vida. Sem a intimidade das conversas balançando as manhãs.



Mas não teve pena, nem se sentiu menina, era grande, ela dera a mão à menina e ela mesma dizia sim para a sua vida agora. Não importavam os tapas, estava à vontade nas próprias pernas. Até a xícara amarela que a conheceu ao lado de Pedro deixava de ser doída e tinha de volta na mesa do café.

# PÃO E TULIPAS

Contra o vidro embaçado do guichê da estação, deslizo o dedo. Como se tentasse adivinhar, entre tantos destinos possíveis, um que eu pudesse escolher. Perdida, e pela primeira vez, depois de tanto tempo, sozinha. E este silêncio. Com Anselmo minha vida nunca mais foi minha, mas nossa. E dos meninos. Ao longo desses anos todos, a *nossa* vida me distrai. Agora o *nosso* ônibus partiu sem mim, e eu aqui nesta parada no fim do mundo, como pode? Mas vão voltar já, já, assim que derem por minha falta. Afasto-me da janela do guichê (esta talvez seja a minha última chance de estar a sós).

O sopro no alto das árvores, e na estrada o sol se espalha em lâminas. Quando voltar para casa será de uma vez: caio na corrente de roupas, xícaras, louça para lavar, carros, buzinas, hora do colégio, rápido, é hora do café, abro a torneira, a esponja ensaboada, Anselmo, deixou o ovo queimar na frigideira, meto a mão no sabão, o gato lambe a água no ar. Não tenho gatos. Tinha um, quando criança, ele me ouvia tocar acordeão. Virava de patas para cima, respirava fundo e se espreguiçava nas lufadas graves dos primeiros acordes. E revirava os olhinhos de sono, dormia em nuvens, com o sopro dos trinados, cheios, agudos, tristes.

Enfiava a cabeça sob a água da torneira para abocanhar as pequenas bolhas no fundo da pia. E se a gente fosse para o campo, eu dizia, meu gato você precisa das pedras, do riacho com seixos e peixinhos soprando bolhas, tudo que produz bolhas.

Sim, nada mal. Umas férias cairiam bem. Não, deixe essa ideia pra lá. Quanto dinheiro na bolsa? Não é muito, mas dá para entrar no ônibus de volta para casa. *Posso usar o telefone?* Pergunto ainda no guichê da estação. Anselmo atende o celular: *Rosalba? Não se mexa! Não saia daí, chegamos já. O que você fez! O ônibus todo vai voltar por sua causa?! E desliga.* Sorrio um pouco sem graça, o atendente não percebe meu constrangimento, olha para as notas na minha mão e pergunta: *Para onde, senhora?* Olho para ele, *não, não vou mais...* e quando ia guardar o dinheiro, ouço meu nome: *Senhora Barletta, seu marido pede que permaneça onde está, o ônibus se encaminha para a estação, repito, o ônibus retorna à estação.* Não me mexo, as notas continuam no ar, assim como as palavras no alto-falante. Nisso, estendo as notas, confirmo o sorriso no rosto, digo ao atendente meu destino. Recolho o braço... já com a passagem nas mãos. Pergunto-lhe ainda: *posso deixar um recado? Vão me procurar aqui.* Sem dar muita importância ao caso, ele me estica a caneta. Escrevo: *meus queridos, irei a Veneza por um dia. Um beijo. Rosalba.*

Agora o mar, posso ouvir sob os pés o ranger das tábuas, das águas. As folhas no alpendre, na minha vida os ramos, de novo o silêncio. O que dirão, quando souberem o que fiz? Foi estranho, mas não tive medo. Eles ficarão bem. E volto já, mas antes... deixemos a vida seguir sem mim. Por um instante, dois destinos. A minha casa, *molto carina*, nossa cidade. E Veneza. A cidade dos meus sonhos (porque agora de repente volto a sonhar). E aqui estou, na ruela ao longo das águas (neste café, o chão de madeira, e o mar). Neste café, algum tempo para sorver a paisagem. Pedi a salada e uma cesta de pães. Tenho esta maçã na bolsa. Mordo uma folha de alface, rego o pão com azeite. A maçã recebe o golpe da faca.

E as crianças? Crianças, modo de dizer, afinal, dois moços grandes, que bonitos. Já vieram entediados na viagem. Anselmo foi o único que se divertiu, uma criança, ele sim, o Anselmo, ao lado do amigo, o próprio dono da agência de turismo. A caneca de cerveja na mão, os dois vão longe se fazendo companhia. Em qualquer lugar, não faz diferença: divertem-se de qualquer modo. Deixemos assim as crianças.

Saio pela porta e ouço o ranger das águas no assoalho, abandono a cadeira onde acabo de me esquecer da vida. Caminho um pouco mais e todos os meus sentidos me empurram até a lojinha entre as flores.

Há um senhor dentro da loja, é o florista. Corta o alho, a ferrugem das cascas, e mastiga bocados inteiros, meu pai também cortava assim o dente de alho, comia pedaços crus ou bebia o chá com mel e limão, tinha uma saúde de ferro, a mistura cura qualquer garganta. Contra o vidro embaçado da porta, deslizo o dedo. O frio aqui fora ainda é azul com aquelas folhas de prata.

Espio o velho através do vidro da porta. Sozinho na floricultura, seu olhar descansa no assoalho coberto de folhas. Minha mão alcança a maçaneta. Até que... sinto um leve roçar na ponta da saia. Um gato enorme. Ele para e espera que eu diga alguma coisa. Olho para você, meu gato cor de riga, descansado, sabe espreguiçar-se. Num salto, vai parar no alto da janela. Quer que eu veja este cartaz aqui? Aponta-me um aviso na folha escrita à mão. *Preciso de uma florista*. Ora, deixe estar que eu também, noutro salto, abro a porta. O cartaz já está nas minhas mãos. *Pode contratar-me*, digo ao homem. *E quando quer começar? Quando o senhor quiser...* (agora mesmo, agora mesmo) *A senhorita...*? Rosalba.



# PASSARINHO

Ele não quis nem molhar o bico. Nem se aproximar do farelo de biscoito.

Eu estava em casa e o pássaro havia entrado pela janela. Deixei à vista água e farelo, enquanto criava coragem para mostrar a ele a saída. É agora, eu pensava, mas logo vi que não conseguiria mover um dedo em sua direção.

Se fosse até bem pouco tempo atrás, quando eu não tinha tantos medos.

As asas davam-me susto a cada vez que eu tentava me aproximar. Se eu o afugentasse com um pano até que ele encontrasse o espaço da janela aberta... Mas ele ficava naquele canto do vidro e quando se debatia era apenas para cima um pouco, e nunca para os lados. Também, do outro lado do vidro era só luz à sua frente, lá embaixo o topo das árvores, o abismo que importava mais que tudo naquele instante. Como poderia contornar a barreira do vidro que para ele não existia?

O único jeito era eu mesma apanhá-lo e soltá-lo no rumo certo. Mas parecia frágil demais para tê-lo em minhas mãos, tive pavor que se desmanchasse ou quebrasse uma asa com o simples toque. Ou talvez ele me bicasse. Olhei para a ponta do bico, era pouco provável que me arrancasse a pele. O medo do contato era pelo receio do desconhecido. Ele tinha medo de mim também. Partia-me o coração vê-lo pressionar a cabeça

contra o vidro a cada vez que eu voltava à sala decidida a agir. Bicava a transparência que o dividia do mundo, sem compreender, eu então desistia de me aproximar, ele me dizia fique aí... e eu ficava. Tudo para não vê-lo debater-se.

Por isso abandonei a convicção de superar meus medos e chamei o zelador do prédio. Para ele não tinha problema nenhum. Mas com a mesma naturalidade com que afirmava isso, adiava a ajuda para daqui a uma hora. Não dava para esperar, não por mim, mas pelo pássaro, como seu coraçãozinho aguentaria mais uma hora a separá-lo do mundo? Os poucos voos contra o vidro já comprometiam as penas de sua cauda, onde havia sinais de combate.

Aí me armei de coragem fruto de minha indignação e pensei que se para o senhor na portaria tudo aquilo era tão simples assim, eu mesma arregaçaria as mangas. Aproximei-me. Dessa vez, o pássaro não se mexeu. Era uma rolinha, eu chamaria de rolinha o que não era nem beija-flor, nem sabiá, bem-te-vi ou pardal. A penugem de um acinzentado lilás. Olhinhos redondos, o bico encurvadinho de lado... Ele decidira ficar parado e me olhava como estátua, sem piscar. E reagindo à sua decisão, também eu virei pedra. Poderíamos ficar uns bons minutos ali. Mas não quis permanecer no jogo, pareceu-me injusto fingir que acreditava na sua astúcia, e que ele me enganava com seu disfarce que lhe dava tanta força. Apesar do alívio em ver que ele afinal desistira de debater-se.

Pelo menos me dá tempo para pensar. Mas ali pensar era o pior a se fazer, e no instante em que, num sopro, afugentei o pensamento, lancei as mãos ao alto e não foi de uma vez como eu pensava, foi em fuga no bater de asas que minha mão direita aparou seu corpinho, e com a mão esquerda fiz a base onde ele de repente ficou quietinho. Era um corpo real, não se esfacelava como as mariposas, não fugia fácil como os insetos, não me causou sobressalto. Ele se rendeu assim que sentiu as minhas mãos nas asas. As asas se encaixaram com jeito sem quebrar, dois passos meus e já estávamos no centro da janela aberta.

Havia uma rede e tive medo que ele se atrapalhasse, fiz-lhe um carinho com a ponta do dedo, e não tive mais tempo para mais nada: numa explosão ele se lançou através da rede no ar que durou infinito até o parapeito de uma janela mais alta. Ali ficou um quarto de hora, recuperava-se do susto, parecia bem, mas eu estava determinada a não abandonar minha vigília enquanto ele não batesse novamente em retirada.

Atendi o telefone e mantive a conversa sem tirar os olhos do parapeito da janela em frente. Ele não se movia. O que esperava para juntar-se aos outros nas copas das amendoiras e dos flamboyants em flor?

De repente meu amigo se lançou, o voo esperado, mas despencou, sem bater as asas, tive tempo de pensar se ele se atirava ou caía, mas sem fôlego pude ver perfeitamente quando ele girou o peito firme, as asas fechadas junto ao corpo em espiral, já era dono de seu rumo, e sumiu na folhagem viva, espessa.





# ANOTAÇÕES DE BERLIM

*No risco da pedra, a lembrança de um nome.  
Cada nome de lugar é um enigma, uma vontade de  
criar linhas de um ponto a outro.*

## **BERLIM, CHARLOTTENBURG.**

Escrevo de luvas pela primeira vez. Luvas de tricô vermelhas. A primeira vez também que as tiro da mala, desde que cheguei a Berlim. É noite gelada de primavera, ao meu lado está a comida japonesa que sobrou do restaurante onde havíamos passado, no caminho pela Friedrichstrasse. Ainda não estava tão frio quando cruzamos a ponte do teatro da Berliner Ensemble, e eu tentava equilibrar a embalagem com o molho shoyu num pequeno pote. Aguardamos o bonde que nos levaria até a estação do S-Bahn, não nos importávamos de esperar, qualquer coisa nos distraía, a faísca do limpador de trilhos, o cheiro do óleo queimado, tudo era novo e tranquilo. Depois de pegar o S-Bahn saltamos num ponto que ainda era novidade, diferente da estação de metrô que conhecíamos naquele trajeto. Começamos a andar, tínhamos que encontrar o Schloss Charlottenburg, e procurávamos sua torre iluminada para traçar uma reta até a rua

onde estávamos, na casa de amigos. Mas de repente nos demos conta de que não chegávamos nunca. Nem sinal da ponte ou da silhueta das moradias construídas à margem do Spree, entre a antiga Königin-Luise-Strasse e o Tegeler Weg, nenhum vestígio do Schloss, que em outras noites nos guiara com sua torre, em cujo domo dança a deusa Fortuna.

Minhas mãos começaram a congelar, justamente por não colocá-las no bolso. O fato de eu carregar a embalagem enquanto procurávamos a torre — onde a Fortuna naquela noite brincava de esconde-esconde — traz uma pequena história. Na verdade, eu pedira um prato, éramos duas e a menina trouxera duas porções. Tínhamos ali o dobro e nenhuma de nós comia muito. Só aí percebi a importância da observação de nosso amigo ao encomendar o prato, outra noite, numa Brauhaus. Ele havia acrescentado: “*ein Mal*”. Literalmente, “uma vez”. Indicando que desejava somente *uma* porção.

Fiquei com pena de devolver, e agora levava o sushi para casa. E pronto: na volta, a chuva. Na verdade chuvisco, assim leve, mas borrifava o frio sem tréguas e as mãos começaram a reclamar.

Por isso agora escrevo de luvas, porque até agora sinto a pele arder. Neste esforço das mãos escrevendo com luvas a caneta desliza, e já tenho câimbras pela tensão em mantê-la contra o papel do caderninho. Ainda assim, irei contar um pouco mais do trajeto e de como conseguimos encontrar o Schloss.

Na jornada interminável, àquela hora, pelas ruas vazias daquela região, abordamos o primeiro que apareceu. É nesta direção, apontou, quinze minutos e você chega lá. Para daqui a pouco, passado um quarto de hora, ouvir de outra alma no caminho que faltavam quinze minutos ainda, bastava seguir em frente. Da torre, nem sinal. Neste instante, as mãos a ponto de abandonarem a embalagem, lembrei-me das aulas de alemão, primeira à direita, depois à esquerda, siga em frente, *die erste rechts, dann links, geradeaus*. A certa altura a professora Ute sorria, e dizia como quem compartilhasse um segredo ou encarasse

a melhor solução: *am besten nehmen Sie ein Taxi*. É melhor pegar um táxi. E nesse caso, foi o que nos salvou.

Não que passassem táxis, mas de repente vimos um ponto. Comentei com o primeiro carro da fila que o destino era perto dali, para que ele não fosse pego de surpresa como o russo que nos trouxera do aeroporto Tegel até a rua próxima ao Schloss, que de fato é bem perto do aeroporto — e você pode, em vez da corrida de doze euros num táxi, pagar um euro e cinquenta centavos no ônibus pelo *Kurzstrecke*, tarifa dos trajetos curtos. Mas o peso dos livros na mala colocou-nos dentro do táxi. O russo bastante deprimido: *Ich bin so glücklich!* Tenho tanta sorte! E eu nem tive chance de dizer que sabia um pouco de sua língua. Desta vez, de noite, a caminho do Schloss, não foram os livros, mas a embalagem do sushi que nos colocou diante do motorista. Era um senhor alemão, e na maior simpatia respondeu que não tinha problema algum. *Kein Problem*. Quando de novo dirigi a palavra ao taxista, minha amiga cortou minha fala: pare de contar a história toda. Voltei-me atônita: mas... eu só estava dizendo a ele o nome da rua.

O que lhe parecera uma longa conversa era apenas... *die Strasse Bonhoefferufer*.

Cuidado para não levar um susto ao entabular uma conversa com a moça que está no mesmo ônibus que você pega ao voltar para casa. Vou saltar no *Schloss*, você diz, e no fluxo da conversa pergunta, e você, para onde vai? De posse de uma mala pequenina, ela responde na maior tranquilidade: para Roma. É isso que dá um simples ônibus atravessar a cidade e seguir até o aeroporto Tegel.

E se você vai andar apenas dois, três pontos, paga somente o trajeto curto — o *Kurzstrecke*. Já é alguma economia se você puder inferir esta palavra pelo que aprendeu nas aulas de alemão.

## OUTRA HISTÓRIA COM LUVAS.

Dizem que você perde sempre o mesmo par, seria melhor que não fosse assim, de modo que o par de uma serviria como par da outra. Mas não, nas gavetas proliferam, e brotam a cada caso perdido, luvas de mão única.

Vi uma senhora que cuidava do anexo próximo ao café no Schloss, havíamos passado por lá na semana anterior e provado o strudel de maçã. Ia perguntar-lhe sobre a luva que há dias procurávamos, não teria por acaso encontrado, quando vejo a luva perdida... na cadeira logo à entrada.

Não contive o espanto e puxei a mão de minha amiga para o alto, mostrava o reencontro das luvas, olhe só, aqui o par.

Foi então que ouvi a frase fora de série, ainda mais levando em conta o tempo que havia se passado entre adivinhações e o encontro derradeiro:

*Wenn etwas hier verlassen ist, geht es nicht Weg.* O que largam aqui, ah, não vai embora. Em português algo assim, dito com alegria e convicção, e um orgulho contido no sorriso estampado no rosto.

Minha amiga vestiu a luva que faltava e deixou no cesto do banheiro as moedas que carregava no bolso.

## AS PALAVRAS.

Gosto de ver a cidade escrita em outra língua. Charadas em cada canto. A vida escrita. É como andar na rua feita de pedras, você se equilibra, e sua atenção para seguir em frente afasta qualquer marca de monotonia, qualquer pensamento incerto.

*Ausfahrt.* É para o carro apenas, para nós não serve. Fiquei com o dedo apontado no ar enquanto meu amigo já procurava a saída certa. Ele havia comprado entradas para o teatro e tínhamos pressa em deixar o estacionamento. *Ausgang*, ele disse: para você sair a pé.

Assim, *gehen* é *gehen*, andar. *Fahren* é *fahren*, deslocar-se por meio de transporte. Até patins é *fahren*. Você não anda nem de esquí. Por isso, *Ski fahren*. No Brasil tanto faz andar a pé, de carro ou de bicicleta. Talvez seja por esse motivo que no Rio as bicicletas andem na calçada, tudo começa na língua. Em Berlim as bicicletas param no sinal junto com os carros, e posso atravessar na faixa de pedestres sem precisar olhar na contramão.

Esses cuidados desenham os pontos em que a cidade te acolhe: Berlim de lá para cá, a cidade se dobra, a linha é maleável, o ônibus quando para é como se dobrasse um joelho. Descansa de lado e a escada fica mais perto do chão. O cachorro entra em seguida, no ponto de ônibus sempre um homem e um cachorro. Da primeira vez que os vi, pensei que apenas quisessem sossegar um pouco. Mas não, o ônibus chegou e subiram os dois. Homem e cachorro, ambos esperavam pela condução. O homem prendeu a guia na coleira, foi o que vi na linha 109 às onze horas e dez minutos. O próximo daqui a seis minutos, li no papel emoldurado no ponto. Só os segundos não entram na escrita das horas, na medida do tempo. Os segundos reservam-se aos relógios de bolso nas estações de trem.

*Sí, aquí los perros saben como comportarse en el tren.* Disse a amiga argentina que vive em Berlim.

No S-Bahn do início da história, não contei o que vi: a menina com a bicicleta verde de ferro no vagão. Ao seu lado, um cachorro, como uma criança bem comportada, olhava tudo.

Você começa a ver que é *habitué* do bairro quando encontra os mesmos cachorros.

E antes de partir de Charlottenburg, ainda deu tempo de ver mais um.

Neste instante à margem do Spree, sei de um gato que descansa sob o guarda-sol à varanda. Ele certamente estará ali, no primeiro andar, e aprecia a conversa da tarde. Mais um começo de primavera na Bonhoefferufer em Berlim.



# LEMBRANÇAS FUTURAS

No saguão à entrada do teatro, um menino ajuda sua mãe no café. Ele nos vê, o público daquela noite. Entramos enquanto nos espia à altura do balcão, onde encosta sua cabeça e avista as mãos que sacodem notas e depois tentam alcançar o troco por cima da bancada, mãos finas, rudes, grandes, pequenas, apressadas — como essa gente se debruça por um café... Meu troco, sim? O sinal! É ainda o primeiro... corta a voz da mãe rente ao sujeito alvoroçado. Depois, o segundo sinal, o terceiro, pronto, e quando para todos começa o espetáculo, o que o menino vê é a porta que se fecha, atrás do público a grande porta e o silêncio.

Em seguida ao sumiço da gente, a voz materna quebrará a mágica que fez sumir a multidão. Comentará sobre a venda da noite, amanhã comprará açúcar, antes que falte, mandou vir mais bolinhos de carne e guardanapo. Por ali, diante do salão vazio, o garoto passeia como em sua casa, até que a função termine. E depois dos aplausos, quando todos atravessarem de volta até a saída do teatro, rindo, gesticulando, assoando o nariz e enxugando às vezes uma ponta de lágrima, o menino em seu pequeno corpo será o único a ver as coisas a partir daquele ponto do balcão. De onde nos guarda na memória e nos olhos.



O barulho cada vez mais distante, verá a mesma caravana partir no som do pano das capas e o *puf* surdo das sombrinhas automáticas e o *jingle* eletrônico de celulares, notará bolsos e o balanço de chaves, e depois de nos assistir abrindo os guarda-chuvas naquela tarde chuvosa de março, ajudará sua mãe a fechar o caixa e enfim apagará as luzes.

Muitos anos mais tarde na história do menino, remexendo as gavetas do armário na manhã nublada, ele encontrará um pedaço de papel, ou uma lanterna há muito tempo esquecida. E no instante em que testa as pilhas, num segundo vê: o saquinho, no fundo da gaveta iluminada. O garoto apaga a luz do café. Ouve a mãe dizer: este menino... Lanterninha em punho, o menino confere os bolsos e vê que ainda guarda uma bala derretida. Tira a bala do bolso, em seguida abre o papel no seu barulhinho metálico, leva o pedaço à boca, aperta nos dentes, dói uma ponta da cárie, desiste do doce e cospe o final partido no cinzeiro onde ainda queima uma ponta de cigarro cuja fumaça alongada encontra um jeito de atravessar a gaveta naquela manhã de chuva e coçar-lhe o queixo na barba ainda por fazer.

# A ARCA DE NOEL

Estela levou a clara em neve ao tabuleiro, misturou por fim a massa para a torta. Morava no bairro da Glória, no Rio. Olhou para o relógio, uma girafa espichada ao lado do elegante pinguim de geladeira. Até a hora da Missa do Galo sobrava tempo. Descansava um pouco antes de se arrumar para a noite santa. Ar respeitável, pensou, e admirava o pequeno pinguim de fraque, cartola e gravata-borboleta. Vestido como um noivo, ou mesmo um pai zeloso e grave.

Rita, sua vizinha, logo viria fazer-lhe companhia. Seus dois meninos eram fãs dos quitutes de dona Estela. Logo apostariam corrida voando um lance de escada, e Rita atrás, esbaforida, ei, ei que modos são esses, vamos já lavar as mãos. Cerimônias à parte, já eram *habitués* da casa.

Só que naquele Natal, algo totalmente novo mudaria a rotina do preparo da torta, da qual faziam parte o alô usual de Rita, a resposta de Estela com seu ora, claro, Ritinha passe aqui com os meninos que a torta está quase pronta. Em seguida ao atropelo das crianças a mãe diria ai, que modos, não foi assim que eduquei vocês, ai, ai, vamos já lavar as mãos.

A tarde poderia passar despercebida não fosse Honório ter, naquela manhã, dado uma olhada rápida no jornal, depois de Estela colocar o seu exemplar acabado de ler do lado de fora, no corredor. Não foi a notícia em si, nem o falatório do povo, foi a reação do seu Honório à matéria, até então ninguém nunca o vira reagir daquele jeito. Honório era marido de Rita, e jamais abria mão de um pedaço de torta, generosa fatia que dona Estela fazia questão de separar, tome, Ritinha, ai, comadre, assim você nos mima demais. Naquela tarde festiva, no entanto, Honório apareceu de cara brava, estancado ao pé da porta, nem quis conversa, muito menos provar da torta fumegante. *Enquanto estiver o demoninho aí, não vou.*

O demoniozinho em questão, todos se viraram para a direção que apontava seu olhar, não restava dúvidas, era o pinguim de geladeira que ele agora fitava indignado. Resoluto, bateu em retirada levando embora as crianças. O mais velho teve tempo de enfiar nos bolsos três pãezinhos de queijo, enquanto o pai, puxando o mais novo pelo casaco, torcia o nariz para o perfume que inundava o corredor.

Pois é, dona Estela, que horror. Não imaginei que chegasse a tanto. Ué, na cozinha de casa lá na prateleira tem pinguim, coruja, bagunça de chaves, copo, fio, barbante, caneca de plástico, tudo que ele larga por lá e eu reclamo pra tirar mas nem me dá ouvidos. Hoje vi bem, tirou foi o disquinho de DVD das crianças. O filminho de Roliúde dos pinguins na neve, o desenho de massinha de um bicho que vive no Polo Norte. O meu mais novo começou a chorar, pois não é que ele adorava, tinha aprendido até uns passos de dança. Mas por conta do que foram falar no jornal... o Honorinho bateu o pé, tá proibido, ele disse. Deus me livre, não é por nada não, é meu marido, mas achei até estranho ele se atarantar tanto.

Por vergonha Estela não disse nada, viu os olhos marejados de Rita, pensou nas crianças há pouco tão felizes, à sua mesa roubando mais um último pedaço de torta. Não havia nada a dizer, um

homem grande fazendo tanto alarde, um papelão daqueles. Estela mesmo em sua simplicidade tinha um grau do ridículo das coisas.

O jornal de volta ao banquinho do sofá estampava a notícia na primeira página. A NOVA LUTA EM DEFESA DA FAMÍLIA. Neste caso, a família eram dois pais, os dois pinguins apaixonados, que diligentes no cuidado da cria há dois dias roubavam a cena no noticiário internacional.

Os dois pinguins, cada um com o nome mais esquisito que o outro porque estava em outra língua, tinham acabado de chocar um ovo. Estela apenas ouviu falar do Central Parque e do tal zoológico de Nova Iorque por causa da notícia, mas família de duas mães, dois pais ou mãe sozinha isso não era novidade. Tem tanto homem acomodado, e veja o seu Robert e o seu Jaques, que sempre foram muito educados e cuidam sozinhos de tudo na casa.

E quanto tempo leva para chocar ovo de pinguim, Estela inventou de perguntar, porque no jornal a história ia adiante, falavam que a afeição entre os dois pinguins vinha de longa data e que o romance já tinha virado até livro para crianças. O tal livrinho contava o caso real de como eles haviam construído seu próprio ninho com pedras redondas, e dentre elas a maior fazia as vezes de ovo. E o zelador, penalizado, entregara um ovo de verdade para entrar no lugar da pedra e ficar aos cuidados dos dois. Agora, veja bem como são as coisas, a história tinha um final feliz: chocaram o ovo de fato e na vida real passavam dias felicíssimos ao lado do bebê. A vida do livro, no entanto, não ia tão tranquila, sofria com a campanha maciça dos defensores da moral e bons costumes, ou seja, da prática do escondido tudo pode. Os exemplares eram retirados das prateleiras das bibliotecas de uma escola aqui e acolá. No entanto, o jornal comentava a solução prática de um colégio para contornar a censura dos pais revoltosos: passou o exemplar do livro do setor de “ficção” para o setor de “não ficção”. Outras escolas de pais mais corajosos mantiveram o livro na biblioteca e resistiram bravamente.

Estela agora servia uma xícara de café à vizinha. Que coisa, não é Ritinha, que coisa, repetiu apenas, balançando a cabeça, com o ar distraído. Olhou para o seu mascote, o seu pinguim tantos anos ali, na geladeira antiga, tão bonito que ele era.

De repente, ouviram um barulho, Rita percebeu que algo não ia bem em casa e correu em disparada. Na curta corrida já imaginava. Naquela tarde, com o marido à beira de um ataque de nervos, ela dera um pulo na cozinha decidida a arrumar as prateleiras. Preocupada com a integridade física de sua estatueta mascote solta pela casa, com cuidado a escondera no quarto, na gaveta do armário. Agora, não podia acreditar, ele de volta a casa tinha descoberto o esconderijo.

De fato, revirando a gaveta atrás de um par de meias, Honorinho acabara de se deparar com o embrulho. Feroz, viu o que era e não pensou duas vezes antes de atirá-lo ao chão. Rita parou diante da porta do quarto. Esperou que Honório saísse para a sala e não lhe dirigiu a palavra. Caminhou até armário, recolheu o pacote, ouviu os cacos. Soltou um grito abafado levando a mão à boca quando se deu conta do estado do pinguim partido.

Estela, preocupada com a demora da amiga, correu do jeito que podia até o pé da escada. Foi o tempo de ver Rita de volta, abalada e triste. Um animalzinho que era tão puro e bom, e mostrou-lhe o pacote. Pois é minha filha, Estela não sabia o que dizer, mas Rita num gesto de confiança lhe entregou os pedaços. Estela, por sua vez, abrindo o embrulho, analisou os cacos. Rita sabia que a comadre tinha habilidade em tudo. Sim, ainda tem jeito — em voz alta era proferida a sentença. E mal Rita abriu um sorriso, a restauradora de plantão já alcançava na gaveta o tubo de cola. Mas Rita esboçou um ar de preocupação. Depois fique com ele, dona Estela. Fique com ele, o que a senhora resolver está bom. E vendo Estela firme, iluminou-se, espanado o véu da dúvida que antes pairava em seus olhos. Despediu-se, para não atrapalhar a precisão dos dedos no encaixe dos cacos,

reparo à base de cola branca multiuso Polar. Estela juntava os pedaços, um por um, com a paciência dos segundos de espera.

Finalmente, deteve-se diante da estatueta renovada. Olhou para a sua, na geladeira, e apanhou algumas páginas de jornal.

Quando a vizinhança ouviu bater o sino para a missa de Natal, dona Estela já estava na rua. Em meio a um último resquício de gente apressada, dobrou a esquina e alcançou a igreja na ruazinha ainda tranquila. Na igreja de São José pediu a benção a Santo Antônio, fez um sinal da cruz e foi até o presépio. Diante da manjedoura, elevou o rosto, esboçava um sorriso de contemplação quando uma leve ruga brotou-lhe acompanhando os riscos na testa. Voltou-se para baixo, quase resignada diante de alguma ideia, mas então já outra passou-lhe pela cabeça. Olhou para os lados. Verificou dentro da bolsa. Apalpou dois embrulhos e um tubo de cola (para se por acaso). Quando ergueu o rosto, estava transformada. Uma alegria repleta de dignidade estampou-se no leve sorriso, na heroica decisão dos olhos. Daí balançou a cabeça levemente de um lado para o outro, aquele era um grande desafio. Seu gesto era acompanhado de um sinal de clara desobediência, uma dessas mudanças que inauguram o espírito dos tempos, o *Zeitgeist*. O vento soprava a liberdade em sua direção, acertava-lhe o peito sem *mea culpa, mea culpa*. Viu uma mulher que rezava de olhos pregados no altar, uma criança era a única a rodear o presépio, com um graveto cutucava as pedrinhas. A menina pegou uma bolinha branca na mão, era neve de isopor, colocou de volta até achar outra bolinha, cada uma diferente, mas eram todas iguais e a menina, concentrada, num excesso de zelo voltava cada isoporzinho a seu lugar, apenas traía seu bom comportamento pela dança dos pés. Seus pés não ficavam parados, a menina pulava e só disfarçava a dança quando se sentiu observada. Daí falou algo que não se pôde compreender e saiu saltitando porta a fora.

Devagar, Estela percorreu o presépio, havia animais de todos os continentes, e na parte branca da neve de isopor, ao

lado de um coqueiro (que fitou incrédula), havia mesmo um urso polar. Espiou por sobre os ombros, certificou-se de que a mulher no banco da igreja mantinha os olhos no altar... Num arroubo de curiosidade chegou a espreitar o afresco pintado no alto, para onde a mulher olhava: na cena, um jardim verdejante. Refrescada por aquele novo espírito (não é sempre que cedemos a esses impulsos sutis) voltou-se para o primeiro embrulho que já saltava de dentro da bolsa. Ali estava o pinguim ressuscitado. Colocou-o de pé no presépio. Neste instante já olhava para as duas estatuetas, trouxera a sua também. Estela sorriu-lhe, como que lhe desejando boa sorte, e naquele instante compreendeu seus olhos. Eles ficariam bem, ali. Tinha o boi, a vaquinha, os burrinhos e vários pares de bichos: eram camelos, tigres, galo, galinha, elefante e até o urso polar.

Deixou-os de uma vez, os dois pinguins, sobre o feno e a neve. E em sua emoção, cruzou duas histórias: a noite natalina com o dilúvio de Noé. Sob a estrela em seu raio cósmico, súbito o estábulo e a arca acolhiam a manjedoura: inauguravam a arca de Noel. Foi a imagem que Estela guardou daquela noite. Quando a igreja ficou sozinha, um pequeno lagarto cruzou sob a palha, esbarrou na novidade dos dois pinguins de casaca, e como se não pudesse ficar para a festa, sumiu num relance. Nobre vida inesperada, não esquecera o presente. Deixava um ovo sobre a palha úmida, onde o musgo começava a avançar sobre a neve de isopor (e azinhavrava um sininho de cobre).

# BARQUINHOS

Novo ano, no Leme. Desta vez bem no alto, do último andar, veria de longe e ainda assim bem de perto: a festa de Copacabana, a queima de fogos no mar. Começa a contar as uvas, doze na palma da mão, prontas para o caminho até a boca. E começa a contagem regressiva. Catarina engole as uvas, uma a uma, para cada uva na garganta um desejo estalado nos dentes. Meia-noite, e o céu fica todo colorido. Ao final, um achado na ponta da língua: o que vale não é apenas o espetáculo dos fogos, mas o depois do espetáculo, quando você está sob o efeito do choque e ainda não se largou num suspiro até o sofá. Há um silêncio seguido aos fogos. Alguns segundos antes do alarde da gente. O silêncio de *como tudo era bonito*. Catarina e o silêncio, depois o apito. Um som grave veio do mar, o navio lançava seu lamento. Seguido de toda sorte de sirenes, era o momento de tirar os chapéus e atirá-los ao alto. Os minutos se foram e começava a despedida. Os barquinhos ligeiros rodeavam as banheiras grávidas de luzes, os barquinhos céleres sumiam como vaga-lumes rabiscando a água. Pontinhos singelos engasgados na noite grande sem fim.

Pobres crianças, os barquinhos. Catarina molhou os lábios na taça de champagne. Em sua debandada não eram senão filhotes alvoroçados, patinhos (a seguir a mãe) felizes, ressabiados, atentos ao mais leve estalido com medo de serem deixados



para trás. Acompanhava-os uma euforia própria aos que não têm escolha, e no caso a decisão era partir. Enquanto isso, as enormes banheiras decidiam seu tempo, seu destino, espreguiçavam as águas. Condescendentes, espichavam o tempo. Afinal começaram a arrastar suas luzes com uma paciência que lhes é própria, baleias sábias, flutuantes. Uma delas, a maior dentre todas, tardava a fazer a manobra: talvez relutasse em partir. Catarina entrou na casa para buscar um copo d'água e nalguma conversa perdeu o controle do tempo. Até que em sua curiosidade infinda pelo destino daquele barco, de um susto sorveu o gelo. Voltou para a varanda e debruçou-se sobre o mar. Já não o viu mais, seu barco lento e gordo, e engoliu o gelo que doía sob a língua. Talvez fossem suas as luzes sumindo por detrás do morro. A darem um último sinal antes de devolver o mar à elegante escuridão das águas.

# O ÚLTIMO TÁXI

A festa era para despedir-se do Rio. Passado o Réveillon, todos tinham fôlego para mais uma noite de festejos antes da volta a Portugal. No dia primeiro a cidade estava quieta, aquela multidão da noite anterior dormia em suas casas, e os carros sem sair da toca deixavam as ruas vazias.

Os primeiros convidados começam a partir, pareciam felizes com a bela ocasião, as águas silenciosas da Urca revelavam ainda outro lado do Rio. As americanas queriam despedir-se, tinham seu voo de volta marcado para o dia seguinte.

Está bem, vamos chamar o táxi do ponto... *No, please*, elas tinham o número de telefone de uma central: *we have this number here, would you please call this number?* Era o táxi do Jardim Botânico onde estavam como hóspedes, o papel bem conservado, o número anotado a caneta pela sua anfitriã. *Alice, Alice, come with us to talk to the driver, yes?*

*Ih, vou descer com elas para falar com o chofer!* Alice deixou a mesa e correu para o elevador. Passados mais alguns instantes

de conversas, alguém viu Leslie e Janice e espantou-se. Estavam um pouco perdidas, voltavam com Alice lá de baixo:

*Ué, as americanas ainda não foram?*

*There was no taxi downstairs.* O táxi não estava lá. Então na casa danaram-se a ligar para o ponto. As duas esperavam, pacientes, ainda que com uma certa preocupação estampada no rosto. Um ou outro convidado tentava explicar que aqui era assim, não se conseguia um táxi de uma hora para outra no primeiro dia do ano. *How come?* As americanas não compreendiam o porquê. *Imagem vocês, se o taxista já ganhou muito dinheiro no meio da multidão de ontem, uns cinquenta paus — fifty bucks! — para levar você logo ali na esquina... hoje para que trabalhar se o melhor é descansar em casa, curtir a família...?* Outro ainda, erguendo a taça de vinho em direção à paisagem, bradou com orgulho: *toda essa beleza e ainda querem eficiência?* E sem esperar resposta sorriu para a baía, seu invólucro de montanhas elevando-se entre os barquinhos e o Corcovado.

*O táxi está a chamar cá embaixo!*, ouviu-se alguém gritar. E a esta altura alguns convidados resolveram acompanhá-las ao elevador, também já se despedindo. Alheios ao que se passava, ficaram muito contentes quando viram o táxi a postos, e lá se foram soltando risadas. Leslie e Janice conseguiram entrar apenas num carro seguinte que atendera ao telefone: elas titubearam um pouco à porta, não se sabe o que explicaram ao chofer, mas enfim tomaram o táxi e partiram deixando a rua de volta entregue a seu descanso.

Transcorridos alguns segundos, um farol aproximou-se com todo cuidado da portaria do edifício. O motorista um pouco perdido havia estacionado do outro lado da calçada. Ele saiu, bateu a porta do carro, certificou-se de que trazia o papel com o número da chamada, e num toque preciso e curto apertou o botão do interfone. Procurava por *Dona Alice. Dona... Alice... por favor!* repetiu dirigindo-se ao porteiro. Lá em cima, na sala, houve resposta: sou eu! Sim sou eu, repetiu a própria, revirando a última pedra de gelo na cerveja. Quando ouviu seu nome, por um triz não entornou o copo.

*Mas... elas já foram!*

*Quem?*, perguntaram de volta.

*Minhas amigas, as americanas.* Bufou um pouco nas bochechas coradas pela bebida, revirou os olhos numa expressão de total impaciência, e explodiu:

*Estão vendo, já deu confusão! Era este o táxi! E agora? Quem vai pegar o táxi?*

*Ele que se dane* — se alguém não disse, pensou. E Alice imaginou o carro vindo de longe e dando com os burros n'água. Sentia-se responsável por ele, naquele primeiro dia do ano. Levantou-se do sofá e começou: *alguém quer táxi? Ei, ei, quem vai embora?* E tomando um ar trágico com alguma fatalidade na voz: *Ah, alguém vai ter que entrar naquele táxi!* E saiu rodopiando pela sala, lançado firme a decisão: ... *o táxi!* Gesticulou, acenou a gregos e troianos, e como ninguém se pronunciasse, a dona da festa veio oferecer-se para pagar o motorista, para que ele enfim não perdesse a viagem. Imbuído de solidariedade, João, um convidado português, prontificou-se a descer com o dinheiro. Já a amiga de Alice, desta vez uma brasileira, nesse meio-tempo voltava lá de dentro. Retornava à sala onde estavam todos reunidos. Muito tempo atrás havia pedido que lhe chamassem um táxi, mas sem resposta. E agora não queria atender ao apelo. Pelo simples caráter de obrigação que o momento apresentava. Não, pensou, vou quando quero, e agora já não quero mais. A voz de Alice insistiu pela última vez, reincidindo grave sobre ela: *você! Você, Lucinha, você queria o táxi, eu bem me lembro... não queria sair naquela hora? Então... vá já!* Lucinha, que permanecia firme em sua decisão de contrariar em vez de ser contrariada, concedeu, enfim: *Eu vou...* Sustentava um ar desolado e doce. Dessas doçuras que muitas vezes encobrem uma irritação sem par. Com os cabelos arrumados para trás, exibindo belos olhos castanhos, circunspectos, Lucinha seguiu como um cordeiro para o abatedouro, até que veio seu triunfo pela intervenção de Clara: *Ah! Vou com você!*, acenou Clara de longe, que disparou a despedir-se de deus e o mundo. Lucinha

vibrou dentro de si: a pirraça estava feita. E a culpa nem era sua, Clara é quem tardava a sair. Alice, deste modo, teve que padecer um pouco mais em sua angústia diante do destino do táxi. “Ah, insignificantes mortais, inchados pela arrogância!” e ficou triste pensando em como o mensageiro de Troia tinha que anunciar tantas desgraças, e nada fazer por elas. Pobre infeliz... E pensou: ainda assim, alguma sabedoria saía de sua boca... “aquele que vive o dia a dia, esse é o mais feliz dos mortais!” Não podia “deixar pra lá” e “o taxista que se dane!” Não, não seria arauto de sua solidão às margens da baía. E se ele partisse? Estava sendo um problema arranjar carro, aquele era uma preciosidade. Que desperdício! Alice em casa economizava fósforos e arames das embalagens de pão. Riscava um fósforo para várias bocas do fogão. Os já riscados ela aproveitava para acender o forno, fazendo-os queimar na chama que já estivesse acesa.

Enquanto isso, na portaria... João se dirigia ao motorista: *vim, pois, pagar sua corrida. Não, recebo não, estou esperando a Dona Alice.* E parado com o dinheiro no ar, João já não sabia se insistia no gesto, ou se explicava algo àqueles olhos bondosos fitando a paisagem e sem pressa de partir. Foi neste momento que Lucinha havia consentido em descer. Ao que Alice gritou, do alto da cobertura: *Espera, João! segura o táxi... não paga! alguém vai descer já!* O grito foi um alívio para o mensageiro, que como abracadabra desmanchou no ar a dúvida e o gesto. João numa reverência voltou-se com a quantia na mão, pronto a devolvê-la à dona da festa. Deixou então o motorista entregue a seu olhar agora um pouco obstinado e algo sorridente de quem diz... *está vendo?*

Pois foi no instante deste olhar que Lucinha, convencida a descer, havia sido interceptada (ou salva de obedecer) pelo chamado de Clara: *Ah! Vou com você!* E pronto, lá estava Clara como a deixamos: a despedir-se da festa inteira. Lentamente e com toda a atenção, perscrutava a varanda, a sala, a escada, falando com um e com outro. Chegou mesmo a ir até a cozinha, talvez elogiasse os pratos, ou pedisse mais um copo d’água. Alice,

cada vez mais implicada na história, sugeriu à Lucinha: *e se você fosse sozinha?* Ao que Lucinha, ganhando forças em sua exaltação, fincou o pé: *não, não vou. Eu espero.* E Alice um pouco sem entender a teimosia: *mas... essa Clara não vem nunca!... o moço está esperando, você não queria ir embora? Pega logo o elevador!*

*Não, eu fico.* E completou: *Não vou criar uma questão por causa disto. Deixa o táxi ir, se ele for embora se chama outro...* Foi o que disse, ajeitando os pequenos óculos dourados sobre a face, sem dar bola à cara atônita de Alice, a seu suplício. Dessa vez, a cada insistência de Alice parecia que Lucinha retardava mais seu movimento, os pés juntos estáticos, o vestido solto à brisa do elevador, combinando com o guarda-chuva e as botas. João a essa altura já tinha passeado três vezes de elevador com os mesmos trocados na mão. Valentina, que até então de longe se afligia com o difícil da cena, desceu para avisar ao motorista que já já a coisa estaria resolvida. Mas chegou lá embaixo e o táxi estava vazio.

*Cadê o motorista?* Perguntou ao porteiro. Antes de ouvir a resposta, Valentina o viu na murada de pedra conversando com um passante. *E ele não está bravo?* Ao que porteiro disse simplesmente: não.

*Ah, então eu vou lá.*

...

*O que não posso é pegar passageiro errado, isso não,* ele logo foi explicando à Valentina. *A Dona Alice...*

Nisso, lá em cima, na sala, Marlene pergunta: *para onde vai a Lucinha?*

*Para Copacabana,* informa Alice.

*Então eu a levo.* E tira do bolso as chaves do carro. Lucinha enfim move os pés e se deixa levar por Marlene.

Clara terminava de despedir-se (*pois de mim ela se despediu duas vezes!* João iria contar mais tarde, rememorando suas idas e vindas) e finalmente alcançou o elevador.

*Cadê a sua amiga?*, perguntou à Alice.

*Já foi. De carona.*

*O quê? Por que não me esperou?! Ah, não acredito!*

Lucinha e Marlene dão com Valentina à saída da rua: *ah, não somos nós que vamos pegar o táxi, mas a Clara já vem aí.* E passaram pelo portão, o barulho das chaves do carro tilintando na mão e sumindo na esquina.

Valentina mal pôde respirar e ouvir o motorista dizer: *pois é, tenho que levar a pessoa certa, não pode ter erro não. Isso acontece, pegar passageiro na rua... e deixar o cliente na mão.* E ficou a ouvi-lo falar: *Mas eu vi, sabe, a senhora dizendo, eu lembro, vi essas americanas, vi sim, pegaram o táxi que parou ali em seguida. Mas se é o táxi da Urca, também leva direitinho, não tem problema não. É, eles levam direitinho.*

Em seguida, a aparição: desceu Clara. E logo atrás João, que ainda carregava o dinheiro.

*E então, cadê a Lucinha?*, Clara foi logo perguntando a Valentina.

*Lucinha já foi, de carona com a Marlene.*

*Ai, mas iam para o mesmo lugar que eu!!*

*Se perder este, vai ficar aí o resto da noite, provocou.*

*Ah, só me faltava essa...!*

E Clara estendeu as mãos ao céu. *Não, sim senhora, eu levo com o maior prazer!* O taxista fez um gesto indicando a porta: o momento mais esperado, que mostrava o quanto estava feliz com seu ofício. E dando meia-volta para entrar no carro, não parecia preocupado pelo tempo que perdeu ali parado. *Levo com o maior prazer!* Clara, sem ter como resistir, resolveu-se e entrou no carro: ia para casa em paz. Da penumbra da varanda, Alice acompanhava o desfecho e pôde afinal afundar na cadeira e abandonar-se à festa.

Quando Clara estava para recolher o pé e fechar a porta, Valentina ainda ouviu um motor que dava a partida ao longe. São as duas! pensou, mas já na batida de porta o perigo ficou distante, o taxista enfim levava Clara, esta era sua passageira, na madrugada que se despedia do primeiro dia do ano. Valentina

de novo ouviu o motorista muito feliz dizer... *levo com o maior prazer, não tem problema não.*

De volta à cobertura, alguém ainda se exaltava, inconformado com o assombro das americanas: *Nas colônias não temos carros num dia como hoje, na colônia não! Então não viessem para a colônia!* Enquanto outro sujeito dizia: *Se não tem táxi, que fazer? Vamos ficar aqui e nos ver todos os dias! Se já estamos juntos desde a primeira noite do ano... Companheiro!* E abraçou quem estava ao lado, aquele sujeito de olhar cansado e melancólico que conhecera nos vários brindes da festa.

Passado um bom tempo, já estava amanhecendo quando Alice chamou para si mesma um táxi. Para sua surpresa ouviu seu nome na central, do outro lado da linha:

*Ah, senhora Alice!*

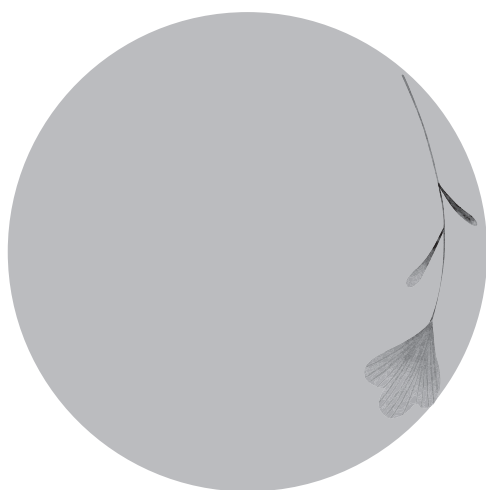
*Sim, sou eu, como é que vocês sabem?*

*A senhora está aqui em nosso cadastro.*

*O quê? Cadastraste meu número com o teu nome?* Era a dona da festa, a quem Alice teve que se explicar. E ainda protestar, veemente, ao telefone:

*Ei, meu senhor, não moro aqui! O quê? Sim, sim... sou eu quem vai! É, o táxi é para mim... e mais três pessoas.* E entrecruzaram-se olhares dos convidados derradeiros. Eram bem mais que três, mas isso ficaria para se resolver depois, no instante em que o novo táxi se plantasse honradamente à porta.





# SOL

Sol apreciava as altaneras e maranas, estava refém das marabertanas, desde que voltou de lá.

Altaneras eram esperanças no timbre do tambor, os metais derramados, flautas e clarinetas melífluas cortadas pelo ataque dos tímpanos, surdos e caixas claras.

Maranas eram mais discretas, o ritmo acelerado não dava tempo para divagações. Mesmo os arroubos na improvisação eram singelos, como se não quisessem atrapalhar o tempo da dança.

Com isso e por contraste, tirava-se a conclusão: nas altaneras o certo era embaralhar os passos e botar à prova os dançarinos.

Pois então: às altaneras e maranas, Sol dera o nome de marabertanas.

Gosto de ouvir as altaneras e maranas, estou refém das marabertanas, desde que voltei de lá.

Isso quando não repetia por vezes seguidas as seramatas, canções no tempo de valsa geralmente a duas vozes, na melodia simples acompanhada ao piano ou por um pequeno conjunto de violões, cordas e clarinetas.



# A MADONA DE PIABETÁ E PARADOR BANGU

A mulher desceu do ônibus feliz: já não pagava a passagem. Com este trocado tomo um café, pensou, à vista de algumas moedas no fundo da bolsa. Não precisava da nota de dez, dobrada num bolso com zíper à parte. Catou o trocado e pagou o café no restaurante ao lado da baía, de onde avistava a praia. Colado ao céu, um azul macio soprava a brisa de feriado. Num dia como o de hoje, ficar em casa, nem pensar... saiu-me caro o café, mas caminho na praia e deixo o aborrecimento de lado. No restaurante, a demora para servir o café. Além do espanto:

— Só um café, senhora?

Aqui também já aprenderam a falar assim, ela refletiu. Sim, senhor; sim, senhora. O tom impessoal, às vezes impaciente, às vezes sem cuidado. Ainda se fez de indefesa:

— Só um café, tem problema? Sento-me logo aqui...

E passou por entre cadeiras, famílias reunidas, pai, mãe, avô, sobrinho, bolo de aniversário, alcançou a mesa esquecida num canto, pequena ilha, abandono cercado de ruídos por todos os lados. O café pagou o preço de seu pedido inusitado. Fora de hora, para além da procissão dos pratos, fora da fila do cardápio, sem nem o docinho da sobremesa.

— E o meu café?

— Já está vindo, senhora.

— ...

Dez minutos, três gaivotas, quatro moças de biquíni, uma abelha, um menino com ar de tédio acompanha o voo inesperado, foge da abelha com um grito. Os garçons são solícitos com as moças, riem, sorriem, apenas a sua mesa continua às moscas. Até a chegada do café, enfim.

O café. Frio ou calor, não importa, o café quente é bem-vindo. Até o pingo de leite pode ser gelado, o que vier está bom, com adoçante em pó, não tem, só em gotas?, ah, é pior, açúcar então, eu prefiro.

O açúcar vem de outra mesa. Sob a mira de alguns olhares severos.

O gosto de café na boca, certo amargor pela demora, a conta, finalmente. Deixou os trocados na mesa, caminhou em direção à praia, parou no degrau de cimento fincado na areia. O dia ainda estava ali. Enquanto houvesse luz, estava feliz, a luz e esse azul macio a revirar a pele e remexer os cabelos. Como demoraram para trazer um café, a conta nem se fala, ali já não volto mais.

— Olha a tapioca fresquinha!

— Venha, dona, tome sua água de coco.

O homem do coco ficava embaixo, ao lado da escada que descia até a areia. Levantou a tampa da caixa de isopor e apontou para meia dúzia de cadeiras no alto, enfileiradas no calçadão, todas abertas, listradas e viradas para o mar.

— Sente aí, dona. Escolha o coco e a cadeira.

— Sentar-me? E a cadeira, quanto vale?

— Cinco reais.

— Ah, de pé está bom.

Esse aí já me chamou de dona... gentil, não tenho do que me queixar.

Os dez reais continuavam intactos na bolsa. Tapioca era demais, água de coco tira o gosto do café, ando um pouco por aí, só quero ver a vista, mesmo.

Súbito, a bandeira ao vento. Era uma vendedora em sua caminhada na areia, entre os panos coloridos levava cangas, saídas de praia, e aquela bandeira... Fez um sinal à vendedora, tinha em casa uma dessas, já puída, velhinha, usava para cobrir o baú de palha. Ali, no alto, estendida ao vento, a bandeira do time do Bangu, vermelha e branca, com raios de purpurina em prata.

— Oi, pode abrir esta aqui? Quero ver mais de perto...

A purpurina prateada quebrava o vermelho a pinceladas.

— É a bandeira, doze reais, está um capricho só, mas tem também esta de peixe e conchinhas e desenhos do mar.

A vendedora estendia a canga, o vento empurrava outra, ela aproveitava o embalo e exibia a exuberância dos panos, canga sobre canga nenhuma parava, rodopiavam com o vento. A moça era bonita, esbelta, de longos cabelos louros, queimados de sol e água oxigenada. Nos seus trinta e sete. E mais sete, talvez, acrescentados pela vida.

— Quanto é mesmo que vale?

— Doze.

— E com desconto?

— Dez eu lhe faço.

A vendedora estendeu novamente a canga num dos braços, e com a mão livre segurou a borda tremulante. A freguesa, num muxoxo, sacode os dedos no ar, sem o ímpeto de seu primeiro espanto:

— Ah, vou pensar, depois eu vejo... Outra hora!

Antes de virar-se de vez, parou de novo, encantada, os mesmos dedos correram sobre a superfície da tinta irregular. A marchinha do seu time ecoava no burburinho das ondas.

A vendedora olhou-a firme e soltou numa voz decidida:

— Leve por dez, mulher!!!

Mulher. A palavra soou legítima. Em sua voz convicta, a vendedora sem loja, sem balcão, sem treino, manca na areia, ainda assim, firme sobre os próprios pés, compensava o ziguezague das ondas. De pé na areia, com a bandeira na mão, a mulher nos seus sessenta e cinco anos, de novo inteira, restituída pela palavra: mulher, apenas. Tônica respeitada na última sílaba para vibrar o “r”. O risco de engolir o “r” e daí perder também o “lh”. Na palavra dita com todas as letras, ali se viu inteira, acolhida. A vendedora afastou-se, no balanço dos pés. Era como ela, mulher também. E na negociação, contou sem rodeios: morava longe. O tom não era de lamento, porém. Não era uma queixa. Era um fato, um dado importante, acompanhado do orgulho de quem percorre longas distâncias.

— Sabe de onde venho para vender aqui? Lá de Piabetá! É longe mesmo, três conduções para vir trabalhar.

Disse isso e seu rosto se iluminou, apareceram as covinhas e os cantos dos olhos riscados pelo sol. Olhos que sabem fitar, não medem você, pelo contrário, se caem sobre você, caem em si também, como se ver fosse... lembrar. Olhos que ao ver acabam por se lembrar... de alguma coisa que é deles também.

De pé na areia, com a bandeira na mão, a mulher nos seus sessenta e cinco anos, também muito chão pela frente até voltar para casa. O ônibus até a Central e de lá o seu parador Bangu. Perto das águas, o encontro imprevisto. De novo inteira, restituída pela palavra de outra. A vendedora ambulante afastou-se com a nota de dez pratas dobrada entre os dedos, suas asas de pano sopradas ao vento, peixes, conchinhas, caranguejos e na bandeira as cores trêmulas de céu, pano macio entre as nuvens e os borrões de purpurina prateada em cola de tecido Polar.

# ANTES DO CARNAVAL

— Que maravilha a rua, uma beleza, nem um pio.

— Você olhou direitinho no jornal como é que se faz para chegar a Laranjeiras?

— Claro, tudo certo: a gente pega o ônibus que vai pelo túnel, atravessa o Jardim Botânico.

— Não tem perigo de encontrar um bloco?

— De jeito nenhum, li o roteiro dos blocos de rua no jornal. Como o Leblon está tranquilo hoje...

— E se o ônibus de Botafogo passar primeiro?

— Nem pensar, hoje tem três blocos por lá.

— E na Lagoa?

— É um só. Mas do outro lado.

— Olhe, lá vem, que sorte a nossa.

— ...

— Este ônibus está uma maravilha.

— Um silêncio só.

— O trocador, veja, está até dormindo.

— A rua livre, uma sorte.

— O Jardim Botânico vazio, um sossego.

— ...

— O Cosme Velho.



— Pois é. O bondinho do Corcovado.  
 — Olhe o Cristo Redentor.  
 — Laranjeiras, vamos saltar.  
 — Nunca foi tão fácil chegar até aqui.  
 — ...  
 — Você tem o pó branco da maquiagem?  
 — Aqui está. Batom?  
 — Droga, ficou manchado.  
 — Tem que passar assim, ó, bem de leve. Agora deslize no rosto, assim, pronto.  
 — Você dobra a aba do chapéu para mim? Tá bonito?  
 — Está bonito. Vem, a hora é essa.  
 — Ajeite a flor no bolso da capa.  
 — Você vem?  
 — Já estou pronto.  
 — Só falta a gente. O acorde vai soar, um, dois, três e...  
*Ó abre alas, que eu quero passar, ó abre alas que eu quero passar.*  
 — Quanta gente no bloco.  
 — Tem mais chegando. *Eu sou da lira, não posso negar, eu sou da lira, não posso negar.*  
 — Veja o mestre palhaço, o Doutor, corre, e salve!  
 — Salve!  
 — Salve a porta-bandeira e seu mestre-sala mirim. Salve a nega maluca na perna-de-pau.  
 — Salve, mestre palhaço.  
 — Tô bonito?  
 — Ai, já caí no carnaval.  
 — ...  
 — Que maravilha, a rua, quanta gente.  
 — Uma beleza. Cada vez mais. *Eu sou da lira, não posso negar, eu sou da lira, não posso negar.*  
 — A tuba, viu, eu não disse? E tem trompete e trombone, até um saxofone, a caixa-clara, o tambor.  
 — Um boneco gigante.

# POR UM MINUTO DE ATENÇÃO

No café das Lojas Americanas, um estojo cai. É uma cápsula de guardar bijuterias, uma caixinha italiana com mosaicos de pedra. Na queda, alguns remédios se espalham pelo chão. A dona do estojo, uma mulher nos seus setenta anos, já terminava de pagar o café no balcão e o levava com cuidado até uma das mesas. Desolada, olhou para o estojo no chão, os comprimidos para baixar a pressão. Terminou de caminhar até a mesa, colocou sua bolsa na cadeira, pousou a xícara de café. Olhou em torno de si. Viu duas meninas: nos seus dez ou onze anos, tomavam sorvete com calda de chocolate enquanto a mãe, com um olho lá e outro cá, vasculhava as promoções de CDs.

As meninas continuavam suas conversas, duas meninas louras, elegantes, bem-arrumadas. A mulher demorou até perceber que seu pequeno acidente não interessara a ninguém. O sorvete no balcão continuava seu percurso até a boca, duas colheres, duas meninas, um só foco, mas a atenção não estava no sorvete, estava em algum outro lugar que não ali. O sorvete levado à boca: ninguém estava lhe fazendo caso? Tossiu e esperou que

fosse o foco de seus olhares por um rápido instante. Esperou algum tempo, viu se o instante chegava pelo canto dos olhos: a senhora precisa de alguma coisa? Ih, caiu! Eu pegoi! Mesmo que ela então impedisse as meninas: Não, não precisa! Já está, peguei, viu?... sorrisos de agradecimentos sinceros seriam trocados nalguns instantes tornados íntimos. Aqueles instantes em que estranhos viram velhos conhecidos. E a mãe olharia com aprovação e até certo orgulho a gentileza das filhas: sim, respondiam a seus ensinamentos, eram cuidadosas com os outros na rua, os mais velhos. E os olhares se cruzariam até que de novo cada menina se aprofundasse no sorvete, ou nos seus pensamentos de coisas a resolver com a mãe na rua até o final do dia.

Mas as meninas nem se deram ao trabalho de ver o que tinha caído no chão. Havia também um senhor bem ao lado, no balcão. Esperou que ele a visse, poderia ainda salvar a tarde. Nada. Era como se ela não existisse. Então, passadas frações de segundos onde o próximo passo se determina, a mulher apoiou a mão na mesa, agachou-se, com a ponta dos dedos alcançou a caixinha e em seguida catou os remédios: três tabletes coloridos que voltaram a chacoalhar na caixinha em seu caminho até a bolsa. Baixou seu olhar perplexo sobre a xícara, ainda se surpreendia aos setenta anos. Serviu-se do adoçante, estou mesmo precisando fazer alguns exercícios, mexeu o café com o palito de plástico e tomou o esperado gole de café. Café frio como o sorvete das meninas, frio como aqueles olhos mergulhados no azul e guardados pela mãe.

# quadrilha

rita removeu joão  
removeu katia  
removeu francisco  
removeu você  
joão removeu teresa que removeu raimundo  
que apagou maria que apagou joaquim que adicionou lili  
que nunca adicionou ninguém  
joão saiu do grupo, teresa saiu do grupo  
raimundo silenciou, maria silenciou  
joaquim ficou invisível e lili adicionou DJ fernandes  
que não tinha entrado na história.



# texto alternativo automático

esta imagem pode conter uma pessoa sorrindo, céu, atividade ao ar livre, água e natureza.

esta imagem pode conter: uma pessoa, close-up.

esta imagem pode conter: duas pessoas.

esta imagem pode conter homem, mulher, três crianças, interior, casa.

esta imagem pode conter

esta imagem não pode conter.

não pode

conter

três mulheres, exterior, rua

doze mulheres, exterior, praça

cem mil homens e mulheres, exterior, avenida

esta imagem não pode conter

mata, floresta, oceano, rio

esta imagem não pode conter

a palavra

livre.

esta imagem não pode conter

texto.  
esta imagem pode conter  
desculpe, isso é constrangedor  
esta imagem já não pode conter  
não se pode conter  
não há texto alternativo automático disponível.  
não há mundo alternativo automático disponível  
para esta imagem  
para esta terra não há  
céu alternativo automático disponível.  
para esta imagem  
para este céu  
nenhuma  
terra alternativa automática disponível

# NESTE MOMENTO QUE NÃO É GRAVE

Esta noite durmo do lado de fora. Ao lado do menino que não chega, do museu que não é abrigo, da menina que não tem pra onde ir.

Neste instante que não é grave, o menino brinca de colocar algemas. Ele se esconde e não fala com ninguém. Separado da mãe, o nó na garganta é coisa difícil de sair da sua língua.

O menino veste a camisa da escola e sente-se bem. A blusa limpa dá um senso de contentamento, o dia está azul e ele resolve o problema de matemática, lá em casa eu te explico, é fácil, e pisca para o amigo, sopra os números, conta as pipas, vê planetas e inventa órbitas no mapa. Sopra a poeira do nariz. Mas no caminho um tiro, no caminho de volta da escola. Todos os caminhos levam à escola menos o caminho de casa. Os desaparecidos em sua solidão sem grito por socorro. À primeira explosão eles sobreviveram, uma carta até nós. As peças no



museu mais seguras sob séculos de areia do que ali. A baleia no museu morre duas vezes. A criança não vinga na escola, e não volta para a casa. Suas vidas linhas tênues, tornadas grandes em mínimos gestos.

A menina no asfalto, no canteiro do prédio, dorme sob a marquise, inventa ali a sua casa. A lata de lixo é o seu espelho quando alguém pisa na alça e sobe a tampa. Mastiga a tangerina no meio do arbusto. O mato do jasmim. Tangerina e jasmim, combinação única à sombra da menina, a barriga grande, a garota pede dois reais, pode me dar, moça, pode ser vinte. E o sorriso. Depois fala por horas. Fala sozinha como se no canto da orelha tivesse um celular. E todo dia é expulsa, arrancada da sua casinha nas plantas. Porque estraga a fachada do prédio.

Mas sim, há que se cuidar das fachadas. Retirar tudo aquilo que não se quer ver. Para não ver e para que ninguém veja. Na rua, na fachada, o prédio, a menina. Um passo para trás da linha, diz o guarda na porta giratória do banco. Um passo para trás da linha, diz-se na fila do guichê. Para trás da linha, fora de combate.

Neste momento que não é grave, o menino respira mais uma vez. O mesmo ar seco desde o instante da bala em seu caminho. O menino olha a nuvem d'água. Arranha esquisito, o silêncio. O silêncio como pluma fazendo cócegas. Ali, o que é? Agora me lembro. O vento, num zunido só. Fico assim, caído no chão. *Levanta. Ninguém mexe nele. Cuidado. O tiro. Uma bala.* Muitas vozes, ainda assim, o silêncio. Não quero levantar, está bom assim. O céu: está tão bonito que parece uma pintura. No passeio da escola tinha cada pintura bonita no museu, parecia de verdade. A gente dizia: é tão bonita, parece até que é de verdade. O veludo, o azul. Hoje é o céu que parece até pintura. A sirene da ambulância quando vem fica fininha. *Ióióióióióióió.* E ela vai, a sirene, grave e triste.

# LIVRARIA, CAFÉ, NOITE

D — Telefona para ele!

B — Não, agora todo mundo só escreve.

A — Ele já está aí de volta.

B — Puxa, e nem marcou nada. Mas *você* já se encontrou com ele.

C — Sim, foi de repente. Agora ele me deu um novo número.

A — Qual?

B — Vou anotar também. Tenta falar com ele!

A — Não, vamos fazer um *live*!

B — Live é messenger?

C — Não sei não. Estou vendo aqui, a última vez que ele entrou no messenger foi há 24 horas.

B — Puxa, a última vez que ele entrou no whatsapp foi ao meio-dia. Às 12:06!

A — Inferno! Não sei mexer nessas coisas. Ah, podemos tentar um *picture*.

B — Isso, faz uma foto, todos nós aqui, manda pra ele!

D — Vocês até agora fizeram tudo, menos telefonar para o rapaz.

B — (para A se queixa de C) Ele não tem whatsapp! Fala pra ele instalar o whatsapp? (para C) Já te disse que não tenho o messenger, aí ficava mais fácil pra eu te mandar a foto.

C — Ah, eu já tenho messenger, não entendo por que as pessoas também têm whatsapp, não é a mesma coisa? Não sinto necessidade.

A — Não é para sentir necessidade, é só instalar e pronto.

B — Bota fora o messenger e instala o zap aí.

C — Estou sem memória, tenho que procurar outro aparelho.

D — Se você não quiser mais este telefone eu compro. O meu é antigo mesmo.

B — Ele já respondeu?

A — Nada.

B — Vamos filmar com o celular. E aí manda pelo zap para ele ver a gente aqui.

A — A foto eu já mandei.

B — Para o meu também?

A — Para o seu também.

C — E eu?

B — Eu mando depois para o seu e-mail. Se não fosse o e-mail a gente ficava incomunicável. Eu não tenho memória para o messenger, você não tem memória para o whatsapp ou não tem whatsapp de pura teimosia. (Para A) Nada?

A — Nada.

B — Gente, ele não está checando nada e eu... e eu... bom, vou telefonar.

# O PÃO NOSSO DE CADA DIA

A livraria, enfim. Quando vê televisão, adoece. Inerte, seu corpo pesa, acaba a ação, o desejo, um corpo. Aí vinha a pílula em palavras, e o livro no balcão a curava de sua ausência. Ausência de agir. Por isso ela precisava caminhar até a livraria. Naquelas condições de inércia, o livro em casa já não era remédio, já não surtia efeito. Era como um produto exposto, o vendedor explica muito bem o manuseio, mas ao freguês, a sós em sua casa, resta ficar um diante do outro, sem saber o que acionar primeiro. Precisava de um ritual, um espaço que a sacudisse e a jogasse de volta ao livro.

Quando se fecha o livro, a capa dura sobre o papel macio, um *puf* das páginas e depois *toc toc* com a mão fechada, com os ossinhos dos dedos. As articulações médias dos dedos têm aí função perfeita, se não existissem portas, apenas campainhas ou palmas em *ôooo de casa* ao pé da janela, já aí estas articulações no meio dos dedos teriam sentido em existir.

Mas o gesto primordial é o de bater à porta. Ou aquele de tocar, de mãos fechadas, os semitons nos dentes negros do

piano. Com estes nozinhos que à mão fechada embranquecidos ficam, falta-lhes sangue, e quando os dedos se esticam sobram em rugas. Certa vez Joana perguntou à amiga para que lhe serviam as articulações médias dos dedos das mãos. A amiga a olhou com uma cara de pena e respondeu: Eu? Não as uso para nada. Ainda a um velho amigo conseguiu arrancar um gesto: Sujou, gíria antiga, esfrega-se as costas dos dedos na blusa, não apenas isso, acompanha o gesto um certo olhar apreensivo, direcionado a ambos os lados, enquanto se esfrega a blusa.

O que é dar batidas à porta. Mais do que para bater, precisamos destas articulações todas dos dedos para girar maçanetas. Joana se move, as mãos repousam em curva sob o livro como se colhessem conchas. No livro, a gravura: as mãos de Michelangelo na capela Sistina quase se tocam em dedos esticados, todos apontam, quase todos eles. Joana sabe que outras são as articulações prontas ao ataque de um soco, mas não haverá de experimentar o que é dar em alguém um murro, mas bem sabe o que é dar murros à massa. Os padeiros em seu maquinário terão pulado esta etapa e perdido a chance de socar a massa, a não ser que também em casa façam seu próprio pão.

O livreiro seu amigo lhe apontou num livro: você conhece este poema. Joana releu as últimas quatro linhas. Ah, João, num dia desses tudo se encaixa, as coisas começam a acontecer, e aí nossa vida entra no eixo. Nas pequenas coisas. Nas pequenas coisas. Joana sentiu o cheiro de pão, o pão saindo do forno, ali também batemos, *toc toc*, com os ossinhos dos dedos. Sei se está quente pelo barulho. Bem no centro — oco, crocante, na casca dura partida ao meio o miolo mole do pão soltará fumaça — quente — fervendo.

# O BESOURO

— Tem um besouro aí! — Onde? — Aí no seu pé.

O besouro andava devagar, tomava a direção contrária ao do pé da moça, ainda assim, sua vida sob o escudo colorido estava ameaçada. É cedo. No ônibus rumo a São Cristóvão, todos vão para o trabalho. A mulher ao meu lado no banco perguntou: por que não deixam o besouro em paz? Essa outra não tem mais o que fazer? Voltou-se para mim, estava no ônibus porque, assim como eu, ia visitar alguém no hospital da Quinta da Boa Vista.

— Não tenho troco. Disse a trocadora sem trocados ao moço que lhe estendia uma nota de dez reais, em seu olhar desamparado. Intransigente, rigorosa em sua função, dava ordens ao motorista, não o deixava fazer algumas gentilezas, como permitir a um passageiro a permanência num dos bancos da frente. — Tem que passar pela roleta!

O besouro não sabia, pegava o ônibus errado. Talvez, se estivesse noutra linha, Laranjeiras, Jardim Botânico, Catete ou Glória, seria protegido, devolvido à natureza. Mas esses confrontos da violência urbana são sutis, a mulher matava no besouro a minha humanidade, mostrava seu desprezo pela minha preocupação, culpava-me por alguma coisa na sua vida, naquele instante me odiava. A mulher que ninguém tinha visto até então, e sentada perto da porta não fazia parte da conversa. Nessa hora, lembrei-me de algo que uma amiga costuma dizer,

sem que ninguém lhe dê crédito, pela severidade de seu julgamento: “o ser humano não presta”. Nessa hora, pensei, repetindo mentalmente o gesto de basta com as mãos, é, não presta. Foi assim. A moça loura de uniforme e sandálias de salto alto e largo que o besouro de forma alguma ameaçava (sandálias cujo relevo é acrescentado a toda sola, e não apenas ao calcanhar), ficou surpresa com meu grito: não mata, não mata! Deixe-me atirá-lo pela janela, ali na árvore. Sem jeito, desculpou-se:

— Ah, só estou empurrando esse bicho para a escada. Porém, outra mulher, sentada no banco perto da escada, sem pestanejar acabou com a conversa, bateu a sandália de salto mais grosso e alto que o da loura de uniforme, e deu fim à vida do besouro quase a ponto de ser salvo. — Eu mato mesmo, foi o que disse completando o golpe. E a trocadora se interessou: — O que era?

A mulher ao meu lado compartilhou da minha dor:

— Era um besouro dourado.

A trocadora deu de ombros. O assunto morreu ali, menos para mim e para a nova amiga a meu lado. Trocamos mais algumas ideias na viagem a caminho do hospital:

— É, ser humano não presta.

Ela ainda se mostrava indignada, e repetia a frase, para meu espanto.

— Imagine nossa cidade, onde vai parar. Agora já está como está, sem compaixão, gente que não dá bola para os outros, imagine se vão se importar com as coisas delicadas da natureza.

Pronto, o ódio estava instalado. Encostados os dois fios, uma vida entra de sola na sandália bruta. O besouro, não o vi mais. O pé que interrompeu aquela vida ínfima em seu percurso saltou no ponto seguinte.

# DE PÃEZINHOS E TÚMULOS

*Um néscio ficou herdeiro  
De um manuscrito, e a um livreiro  
Vai à pressa e fala assim:  
“É bom, é livro acabado,  
Concordo, mas um ducado  
Valia mais para mim!”  
Fábulas de La Fontaine, “O galo e a pérola”*

*Sim, ela nos perguntava sempre: vocês sabem quanto custa cada pãozinho destes que vocês estão comendo? Doralice começou a contar a história, cutucando a terra com o galhinho do lírio. Era com aquela pergunta inevitável que a mulher de seu tio as recebia à mesa. A esposa, agora falecida, de seu tio rico. Aquela senhora atormentava a ela e sua irmã quando, meninas, iam com a mãe visitar os dois. Prestes a esquecer o sem graça da visita e saborear os quitutes oferecidos à mesa, lá vinha a esposa do tio dizer o quanto lhes haviam custado os pães e doces que lhes eram oferecidos. Vocês sabem, vocês sabem? Pois eu lhes digo!*



Enquanto a mulher aprontava destas afrontas e outras, o tio não falava nada, para ele era como se tudo seguisse muito bem, sem broncas, sem palavras mudas das meninas ou suas lágrimas secadas na fonte. Nos meses em que sua mãe, viúva, penou para pagar o aluguel, este tio ainda ajudou com algum dinheiro. Mas lá vinha a mulher: *Estamos gastando um dinheirão com vocês!*

Agora, sem mesas com pãezinhos comprados a três vinténs, Doralice lembrava de quando o tio morreu, seguindo sua mulher para descansar sob a terra. Deixava uma herança. *Quanto?* Não, não é em dinheiro, é uma propriedade. Ah bom, uma casa? Não. Então um apartamento? Não. Ah, e aqueles armários lindos, antigos?! Nada! Será um pedaço de terra? Não. Bem, vá lá. Um túmulo. *Como?* Sim, o irmão tinha deixado de herança um túmulo. Finalmente, era isto que ele deixava: um cantinho num mausoléu. Doralice lembrou-se da montagem de um texto de Harold Pinter que tinha ido ver com sua mãe: “irmã é uma coisa diabólica, e irmão, pior ainda!” *Puxa... Mas esse aí... ele não podia ter deixado o dinheiro para a mamãe, em vez deste túmulo que custou uma nota? Ah, mãe, melhor vender minha parte neste túmulo.* O irmão de Doralice na época bem que considerou a ideia. O túmulo era no cemitério São João Batista e devia valer mesmo o preço de um apartamento. Mas não, nem era bem um túmulo, senão um lugar no túmulo. Como se você fosse morar num quarto, tal qual se tem por aí, numa vaga para moças... *Minha filha, a gente precisa é de um lugar para cair vivo, porque morto sim, cai em qualquer lugar.* Era o que sua mãe costumava dizer. Agora, sua própria e querida mãe descansava nele em paz para sempre.

Quando sua mãe morreu, Doralice, em meio a tantas providências a tomar para o enterro, estava esquecida da herança. Já tinha ligado para o cemitério São João Batista perto de onde consertava seu carro, em Botafogo. Ligou também para o Jardim da Saudade em Jacarepaguá, onde sua irmã, por força dos acontecimentos, tinha comprado um túmulo. Aconteceu que no seu

emprego público, anos antes, havia recebido a oferta. Tinha consultado a mãe:

Mãe, lá no trabalho estão oferecendo túmulos no Jardim da Saudade. Será que compro? E para você, meus irmãos... pois então?

Sua mãe, do alto de sua sabedoria prática da vida: *Minha filha... Compre, e não me fale mais neste assunto!*

Era assim sua mãe, não cultivava pensamentos mórbidos. Gostava da vida. Nem viu quando tinha envelhecido. Agora, anos mais tarde, Doralice então esquecida da herança do tio, tentava resolver o enterro. Desligou o telefone: Jardim da Saudade... pensando bem, as gavetas no São João Batista custavam praticamente o mesmo do enterro no Jardim. É bem verdade que lá já tinham o túmulo, mas para o enterro teriam que pagar aos homens para abrir a cova, preparar o caixão e carregá-lo e sepultá-lo sob a terra. E sua mãe lá em Jacarepaguá ia ficar tão longe... *Ah, e gaveta, gaveta não fica para sempre, você aluga, ponderou a irmã. Você aluga e depois de um tempo leva os ossos para casa, eu acho.* Enquanto teciam estas considerações, o irmão ao telefone puxou da memória: tem a herança do titio! O túmulo em Botafogo! Doralice na mesma hora pegou de volta o telefone e informou o nome de sua mãe no cemitério em Botafogo. A resposta veio logo: sim, sim, ela tem direito ao número quatrocentos e trinta e dois, ala B. Porém, esclareceram: antes teriam que exumar o tio. Os ossos seriam limpos e arrumados numa caixa, para dar lugar aos novos. *O tio, hein, que se fazia de bobo! E que não movia uma palha quando podia deixar pra lá.*

Titio e sua mulher tinham sido colecionadores. A tia colecionava armários de época e pequenos móveis nos salões da casa, mesinhas de madeira de demolição, prateleiras de pinho de riga, teca, carvalho, peroba do campo, armários da Índia, do sul de Minas e até do sul de Portugal. Enquanto isso, o tio saía para seu trabalho no banco e seus passeios nas galerias dos antiquários. As meninas achavam tudo ali esquisito e criavam

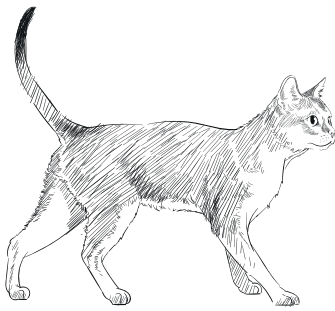
variadas estórias, a velha senhora andando pelos aposentos com a chave na mão. Um molho de chaves! Sua sombra se arrastava no castelo, onde o rei dançava sob a luz. Dançava enquanto a rainha, nos porões, fazia a vez de guardiã do tesouro e das chaves da casa (contra possíveis estranhos). Um bêbado da rua, enervando a dona da casa, soltava a voz junto ao coro das crianças: *Tacareco, tacareco... Mais um armário, dona? Outro dia vi chegar aí um maior do que este. Para esse povo mesmo. Estou vendo dobrado? Para que tanta velharia? Cada hora o guindaste sobe um, daqui a pouco cai é na minha cabeça.* O bêbado, certa vez, viu subir até um piano. É bem verdade que às vezes enxergava dobrado. Um dia esfregou os olhos quando um pedaço estufado de armário lhe pareceu rebentar janela afora. Espiou de perto e viu a cauda espaçosa e inflada de um piano que saltava pelas cortinas.

*O bêbado dando de ombros dançava, olhava, mas aí se detinha já no meio da rua, falando ora com um passante, ora com outro: Ah, entendi... Rico tem mania de juntar coisa... O bêbado um dia meteu-se a sussurrar, parecia mesmo possuído: rouba-se tudo da casa, mas os fantasmas eles não levam não!*

De-ez armários, pregados na parede, de-ez armários, pregados na parede... *As duas meninas cantarolavam a canção quando passavam perto da casa do tio, e também as crianças da rua, para implicar: Trê-es armários, pregados na parede, trê-es armários pregados na parede... E quando um armário... Por acaso cai.. ficam dois armários.. pregados na parede! Era o máximo que podiam fazer contra aquela mulher que mandava no homem da casa. Mas seu poder tinha um preço: servia a ele e vivia para ele. No embalo da música, o bêbado cantava também. Um armário... io io na pare... de de... E quando um ar-má-rioooo... por acidente cai.. não fica armário ne-nhum pregado na parede! E daí a canção se formava, entre estes e outros pensamentos, sonhando com fantasmas, bater de portas, e armários que podiam ser comprados, mas não podiam desalojar seus fantasmas. As crianças imaginavam que se o fantasma partia, o móvel também era desfeito. Certa vez ficou o piano abandonado. Virou peça*

*de coleção, ninguém tocava nele. Também... o piano enquanto isso morria. O piano perdia a sua alma.*

Agora, passados tantos anos, Doralice voltava a lembrar deste tempo, lembrava-se dos parentes e do que sua mãe falava: *é, família é um problema... É, mãe... é uma fábrica de loucos.* A própria mãe às vezes enlouquecia diante das filhas — abria a blusa, erguia o pescoço, e batia no peito: *estou magra, acabada, e tudo por causa de vocês!* Mas enfim, passada a raiva, ela era capaz dos pensamentos mais lúcidos. Em sua vida, quanta lucidez! Doralice olhou a lagarta que furava um caminho na folha. *Uma hora dessas tenho que arrumar o túmulo, fazer uma lápide, levar flores... E o que poderia escrever na lápide? Não qualquer coisa, já que vai ficar para sempre... E de uma pessoa, o que fica? O que fica de mais importante?* Doralice pegou a folha verde nas mãos e continuou com o pensamento em sua mãe, nos seus olhos tranquilos que sabiam ver. Sabiam enxergar no coração do outro. E não esperar nada. *O dinheiro não é dele? Então deixa, minha filha, deixa ele fazer o que quiser!* Depois do enterro ela e a irmã nunca mais tinham voltado ao túmulo, tão apavoradas com a despedida real, da própria mãe, enfim. *É, mãe... uma fábrica de loucos...* Agora estavam todos juntos naquele túmulo, pensou. Titio, a esposa de titio e pelo andar da carruagem, sabe-se lá quem mais.



# ARENA PARA GATOS

*Arena para gatos.* Foi o que estava escrito com massa de pão, quando Lúcia, faxineira de dona Vitória, entrou certa vez na cozinha. Primeiro tentou entender a letra, depois pensou quem o teria feito. O gato agora tinha dado para escrever. Foi só depois de um tempo que Lúcia viu que arena não se tratava de picadeiro, mas de areia, arena, escrito em espanhol, no saco de areia que deveria completar a bacia após a limpeza diária. A frase então havia sido copiada do saco. Lúcia tinha se atrasado desta vez, na fila do supermercado, e se os gatos gostam de preservar os hábitos, este já dava falta da sua bacia limpa. Este gato danado... bem que a dona Vitória disse que era inteligente. Mas se é para escrever, por que não escreve outra coisa? Lúcia desde que começou a falar com o gato dava para fazer filosofias. De que me adianta um bicho tão sabido, se puxa assunto tão bobo? Um pequeno atraso não quer dizer que me esqueci. Vou já trocar a areia.

Durante a faxina, o gato acompanhava cada detalhe. Lúcia de novo falou olhando para o bichano, que a fitava com ares de nariz torcido: as geleias nos supermercados estão um horror de caras. Todas importadas, ué, cadê os vidrinhos nacionais? Você sabe o que andam fazendo? Eles (ela se referia a eles, quando

queria mostrar-se indignada na fila do supermercado ou na fila do banco... eles!) eles escondem o doce de goiaba da casa no alto das prateleiras. É, para ninguém comprar... e todo mundo se virar com geleias com o preço pela hora da morte. E o meu suquinho de caju? Tiraram da prateleira o mais barato. Você acha que é por acaso? Não é! Voltei lá. Peguei a única garrafa que tinha, só botaram uma. Aí Lúcia parou um pouco, olhou para o lado com ar de reminiscências e tomou sua decisão: uma hora volto a fazer geleia, senão esqueço o caminho. Eu que me cuide, senão...!

E colocando a massa crescida no forno, olhando os desenhos que se formaram enquanto as deixou descansar, Lúcia continuou a pensar alto: Ele não poderia ter escrito o que pensa um gato, ou se entendem nossas conversas... e se têm uma língua secreta? Se vê a nós, os humanos, ou pelo menos a mim, Lúcia, colorido? Se fosse nos desenhar, seria com bigodes, à sua imagem e semelhança? Mas eu sei o que anda pensando este gato, com este olho atrevido. Ele anda com raiva do fio que dona Vitória mandou passar por detrás da geladeira. O fio do interfone. Já coloquei fita preta isolante, mas ele sobe na geladeira e arranca. Daí coloquei fita transparente. Mas ele não é bobo não, viu que ali tinha coisa. Agora ele que tenha paciência com suas investidas. Coloquei a canaleta, não tem mais como arrancar este fio não.

Tira o gato, põe a mesa. O que Lúcia não sabia era que o neto de dona Vitória tinha começado a escrever. Tudo ele queria ler, obcecado com as letras que invadiam seus livros no armário, livros onde até então só existiam figuras. Às vezes escrevia o que lia, e naquela época os produtos mais em conta vinham da Argentina. Ali estava, no pacote em espanhol: arena para gatos. Na nota de compras, as letras, antes aborrecidas, começavam a ganhar destaque na caligrafia. As letras que até então não enfeitavam tanto a caderneta.

Lúcia olhava o gato para dizer: este gato está me saindo muito bom escrevinhador! A massa aparecia em palavras variadas, em forma de trança e espinha de peixe. Também lá estava o

retrato do gato, ele mesmo, com o detalhe dos bigodes enrolados, como ficou depois de se aproximar perigosamente da boca do fogão, derretendo-lhe as pontas dos bigodes. Assemelhava-se a um desenho *art nouveau*, como o portão de borboleta do Castelinho do Flamengo. O menino guardou bem o detalhe. E para ele a graça estava em escrever não apenas o que lhe aparecia na mente, mas com o que lhe aparecia na frente. Na letra espantada do menino peralta que puxava o fio das coisas.





# MOSAICO DE AZULEJOS PARTIDOS

A menina de vestido branco a remexer os sinos no pátio da igreja russa. As igrejas russas. O desenho das cebolas nas torres. Assisti à Véspera numa das igrejas, os livros escritos em cirílico. Após os festejos queria que eu ficasse para cantar naquele russo bonito e antigo. Era um dia importante, o dia de São Vladímir, santo que dava nome à igreja. Colocaram em minhas mãos um dos ícones pintados sobre a madeira de fino verniz avermelhado. Diante do convite e dos riscos dourados, segui com eles em procissão. Noutra dia, noutras cores, a dança israeli, com a comunidade judaica. Azul e branco. Algum excesso nas lantejoulas. Os cubanos foram assistir e dançaram também. De noite, jogávamos dominó. A menina muito animada anuncia aos quatro ventos: *I speak Spanglish*. Não que não fale inglês ou espanhol, pelo contrário, fala as duas línguas com perfeição. Mas num enorme sorriso e olhos negros brilhantes aponta-me seu vestido novo dentro do armário: *es muuuy beautiful*. Alguns minutos antes, afoita diante de minha chegada, procurara o mapa do Brasil na internet. Nada de encontrar o mapa, afoita que estava: *¡La hija de Roberto viene!*

*You know...* Disse-me exausta... *when they told me you were coming, I thought you were nine years old.* Não de todo desapontada, continuou a falar: *I'm just so excited.* ¡Mira! Pimba, encontrou na rede: *Map of Brazil — Lonely Planet.* O guia de viagem. A menina fez uma pausa, olhou-me fundo nos olhos e talvez porque o esforço lhe parecera tão grande, perguntou: *Is Brazil a lonely planet?*

Um pouco de café cubano, um pouco de leite. O leite está na jarra, *entra la abuela de la niña.* Vê-me tomando o café, pergunto-lhe estendendo a jarra: está servida? Com a voz firme, responde cheia de espanto: *¡sí, está hervida, está hervida la leche!*

Preparo uma pequena mala e lembro-me dos bailes. O dominó, as conversas, os encontros, como se sabe rir. Eram assim as noites seguidas, depois do dia de trabalho. De noite, todos comemos juntos. Lembro-me dos plátanos verdes fritos. *Tostones.* Os maduros são melhor ainda para quem gosta de doce. Apesar de serem todos salgados, como a salada de abacate. O aroma vem-me à lembrança porque acabo de deixar a banana queimar. Pronto, virou carvão. Duas bananas d'ouro e metade de uma maçã Fuji que ferviam na água para o café. De repente, o cheiro de doce no ar, doce queimado. *Todavía no he aprendido.* Mesmo para riscar uma vírgula, não se deixa a panela sozinha no fogo. Que desperdício. Nem mesmo uma vírgula. É algo de muito perigoso, chaleira no fogão e lápis na mão, ou um teclado sob os dedos.

# RUAS, PASSAGENS, ESQUINAS

## I

Os papéis nas gavetas, e os recortes de jornal guardados para ler depois. O futuro daquela notícia era ser lida em sépia.

## II

O meu gato. Uma vez me salvou de um incêndio porque aprendi a ler seus sinais. Ele olhava firme em determinada direção, levantei-me, interrompi o que estava escrevendo e acompanhei o seu olhar: labaredas de fogo na máquina de secar roupa. Desliguei o disjuntor e joguei três baldes d'água sobre a máquina, o fogo ainda não havia se espalhado.

Fora esse acontecimento no qual não tive culpa, já deixei muita coisa queimar e até hoje não aprendi que panela no fogo não combina com escrever, mesmo quando você promete a si mesmo: ah, só uma frase a mais. Aí, é batata, depois de muita fumaça,

chamada do vizinho, abóbora torrada no fundo da panela e várias linhas das quais você até pode se orgulhar, nada resta ao não ser tentar se explicar para o gato que te fita da pia da cozinha... mas eram só algumas linhas a mais, poucas linhas apenas.

Sair na rua depois, sair da história ou desse movimento da escrita é ficar um pouco sem chão. Por outro lado, em alguns momentos é o caminho de lá para cá que me lança à folha, num bloco de papel retirado às pressas da bolsa. De repente tudo se torna escrita, um copo quebra e os cacos de vidro entram em algum trecho da história, mesmo que depois venham a perder-se varridos para outro capítulo ou cortados de vez.

Avanço um passo e outro na página em branco e em algum momento o texto começa a se escrever. Portão, pátio, sino — algo se anuncia e quer estar ali, não sei se a vida, a morte, o silêncio. A inspiração então é um cuidado, algo se instala como resultado de um esforço — de uma espera, uma demora, um risco. Ouvir *vozes deste mundo*. Ver o que está aí. Captar o ruído, a brisa, palavras que entram pelas frestas da janela, a respiração da cidade. Na página sonora tudo se torna nome, letra, imagem.

Às vezes é um quadro que me lança ao movimento da escrita, o espaço, um gesto. É como entrar no metrô depois de assistir ao filme do Wim Wenders para Pina Bausch. Você se flagra numa coreografia, o espaço da cidade salta em volumes, planos, linhas, as pessoas na estação ou na passarela sobre a avenida de carros revelam-se cada uma em seu ritmo. De repente você intui objetos que são parte delas, iPod, mochila, celular, cada acessório salta aos olhos e você precisa anotar tudo o que vê. Outras vezes, começo uma história por pura indignação. E pelos rumos da ficção, algo novo se instala.

Escrever a partir de uma perda, ou movida pelo que me impressiona. Há o espanto diante de coisas simples do cotidiano também. A luz recai em diferente inclinação, um reflexo súbito, uma atmosfera, um ruído de folhas que estalam sob os pés.

Ou o estalo das páginas do caderno. Virar a página é pôr em movimento as linhas, o princípio do cinematógrafo, são as palavras que percorrem as folhas, cada palavra tornada imagem te persegue até que você escreva.

E agora o espaço desta página não deixa de ser uma homenagem ao meu gato. Com determinação admirável, inventou de colar-se aos meus pés, sobre os livros no chão, enquanto escrevo.

### III

— Agora, com a nova alimentação, vai tudo melhorar. Vou parar de comer empada na praia. Pastel de queijo no boteco... agora o que eu belisco entre as refeições é couve. Couve crua. O difícil é guardar a folha, enorme daquele jeito. É porque mandaram comer crua, né. Cozida a gente podia até cortar. Se eu passar por isso, ainda viro vegetariana.

— Tem que dar um destaque pra salada. Hum, a couve. O problema da couve é onde guardar.

— Tem que dobrar.

— É muito grande.

— Como não cabe na geladeira, você pode beliscar a folha entre as refeições. Faz até bem.

— E pode usar para outras coisas. Chapéu contra o sol, para não manchar a pele. Abanar, talvez. Não, abanar não dá certo.

— Esta *tupperware* está bem?

— Não, está muito grande.

— E esta aqui? Não sei se cabe.

— É, vai ter que dobrar. Enrola a couve, faz assim uma trouxinha. Bota a alface junto.

— A alface também?

— É, a couve, a alface. Ah, bota o que tiver.

## IV

— Era homem ou mulher?

— Bom, ela falou obrigada, então era mulher mesmo que fosse homem.

## V

Quando a solidariedade é um delito. Quando ajudar imigrantes é um delito. Ou um pecado grave. Ou impedir que se derrube uma árvore.

## VI

No vagão do metrô, as três crianças que só vi no reflexo da porta. Refletidas no vidro, duas meninas no colo da mãe e ao lado, em pé, um menino. Como é ver pessoas só num reflexo no vidro? De repente me dou conta de que não cheguei a me virar, então só os vi naquela porta. Na memória, carregarei apenas os seus reflexos e, no entanto, sei que existem.

Só tenho os seus reflexos comigo para provar que existem.

A: Eu ainda não descobri.

B: O quê?

A: Qual a cor dos seus olhos.

...

B: Lembra? Aquela foto.

A: Ficou ótima nesse tamanho!

B: Você do outro lado da parede de vidro, na saída do metrô.

A: E dá para te ver bem aqui. Você, com a câmera na mão, no reflexo no lado de cá. A primeira vez que eu te vi.

B: Não exatamente...

A: É, tinha te visto minutos antes, no mesmo vagão, no metrô. De qualquer modo... só depois a gente ia se conhecer, se encontrar de novo, e aí você me disse que não foi por acaso a foto.

B: Mas naquele dia...

A: Você tirava fotos da cidade e eu apareci ali.

A: Estávamos perto no metrô, você sentada bem ali na minha frente. Não teve nenhuma conversa, mas de repente olhei na sua direção. Você não notou, mas percebi que você me olhava. Depois, você esquecida, falando com alguém, reparei nos seus olhos, num único instante. E na pedrinha dos brincos, elas te davam certo encanto. Acho que o culpado de tudo foram os brincos. É que olhando para eles, eu pensei... qual a cor dos seus olhos? Castanhos, cor de amêndoa, claros, mais escuros às vezes? E você estava queimada de sol.

B: Eu estava sentada. Só uma garota, na minha frente, não estava com nada nas mãos. E apoiava as mãos livres na barra, no alto. Ela era a única que olhava para a frente. Todos os outros, no metrô, olhavam para baixo clicando nos celulares.

A: Quando te vi pela primeira vez, não sabia que seus olhos podiam mudar de cor.

B: Ela era a única que olhava para a frente. Mas aí me dei conta de que ela se via no reflexo do vidro da janela atrás de mim.

A: Mas é isso, acho que foram os brincos que eu vi primeiro, ou o brilho neles. Na verdade, o que me chamou a atenção foi o seu jeito casual de usá-los, como se não estivessem ali. Talvez a sua escolha dos brincos já fosse uma pista, uma conversa discreta entre a cor dos seus olhos e a cor da pedra. De propósito discreta, e de propósito uma conversa. Onde entrava a sua pele. Assim dourada, curtida de sol, dava um mistério aos seus olhos.



B: Meus olhos estavam na altura de sua barriga e reparei na tatuagem. Vi primeiro esta, perto do umbigo. Depois no braço, no tornozelo, na beirinha do pé não coberta pelo sapato. Não consigo me lembrar dos desenhos. Na verdade, eu reparava mais nos pontos no corpo, nos lugares que ela escolheu e que apareciam a cada nova tatuagem. E eu comecei a ler a sua pele como se fosse um livro. A cada troca de folha, um novo canto da pele. Barriga, braço, tornozelo, e ainda aquele detalhe do pé a ponto de sumir na linha fina do sapato.

A: Eu fiquei em silêncio, olhando para a frente, mas se tivesse tido coragem puxava uma conversa. Não adianta, não me vem nada à cabeça quando estou nervosa ou quero muito alguma coisa. Se tivesse tido coragem, era só deixar cair o braço, apontar as pedrinhas nos brincos, colher uma na palma da minha mão.

B: Quando terminei de mapear a sua pele, reparei de novo na direção de seus olhos. Você ainda olhava curiosa em direção ao vidro. A sua própria imagem transparente, colorida, tatuada no espelho.

A: Lá fora, subindo as escadas, você era a única além de mim a olhar para a frente.

B: Você, do outro lado da parede de vidro, na saída do metrô. Foi quando arrisquei um movimento com a câmera.

A: Se tivesse tido coragem, era só deixar seguir o braço, apontar as pedrinhas, colhia uma na palma da minha mão. Só para perguntar como quem não quer nada e numa felicidade roubar a carícia. *Os seus olhos, como a pedra... trocam de cor também?*

Nos prédios de vidro você se olha, você se vê, ainda que não olhe para os outros à sua volta, ainda que não veja ninguém.

# ANTONIA E ANTONIA

Antonia primeira, porque a outra menina que eu vira de longe era Antonia segunda, mas elas alternadamente confundiam o tempo e a primeira virava segunda e vice-versa. Antonia e Antonia tinham um bisavô das Ilhas Canárias, que na verdade não era consanguíneo nem de uma nem de outra, mas vizinho de ambas. A forma de seu parentesco havia sido decidida por elas mesmas. Duas irmãs, nem por parte de mãe nem por parte de pai, mas por parte de nome. E desse bisavô em comum. Para entendê-la, voltemos à história de seus pais, que viveram juntos, o tempo passando, assim de brincadeira escolheram nomes, só aí o pai começou a aceitar a ideia de uma filha, iriam até procurar uma casa. Mas teria que ser menina, para não sair um garoto impertinente. Muito bem, quando já tinham acertado um nome, aconteceu uma briga. Deu-se a separação, Antonia ficou em suspenso, a filha tão esperada já estava imaginada, mas não nascida.

Nessa parte da história me invade a pergunta na forma de um golpe: como é um ser que só existiu em pensamento? Não chegou a ser concebido? A mãe assim poderá ter a sensação... não de nunca ter sido mãe, mas sim de ter perdido um filho antes que ele crescesse em sua barriga.

No entanto, para alívio ante a violência do baque, a história não se interrompe aí: a quase-mãe um dia ficou grávida. E ao mesmo tempo o quase-pai também, num segundo casamento, tinha afinal se resolvido a ter um filho. Assim, ao mesmo tempo, na casa de um e na casa de outro, nasceram duas meninas. Antonia, numa casa, e Antonia, em outra.

Mais do que irmãs, elas eram a mesma pessoa, agora repartida em duas. Antonia e Antonia. Ora, porque... o quase-pai e a quase-mãe haviam carregado consigo a ideia de sua concepção e, mais importante, a ideia do nome. E quando ao mesmo tempo esperaram um filho, era exatamente a ela, Antonia, que esperavam. Nesse meio-tempo, houve ainda uma confusão porque a irmã do pai dera o nome de Antonia a sua cachorrinha, e daí uma parte de Antonia botara o pé no mundo antes, pelas patas de um cachorro. Já anunciando tão disputado nome. De fato, quando nasceram duas meninas, a cada uma foi dado o nome de Antonia, e pronto. As meninas, por sua vez, dando a volta em todo mundo resolveram embaralhar os pais e as lembranças. Assim, aquele que era o pai original servia às duas, e a mãe original também. Quando a mãe original numa casa mostrava à filha: veja, o diploma que seu pai ganhou quando tinha a sua idade! *Un concorso per bambini*, que um italiano organizou por aqui, prêmio de melhor fantasia. Ela corria para sua outra casa, pois sabia que a mãe se referia ao pai de lá, nas gavetas do primeiro casamento ainda estavam as recordações de infância dele, na primeira casa seguras. E na casa de uma Antonia e na casa da outra Antonia, alternadamente, com a mão sobre dois álbuns, as duas meninas trocavam fotos e figurinhas. Fizeram o pacto: eram uma só, a farejar e compreender a solidão dos homens. Se em vez de nas patas de um cachorro tivessem nascido antes nos bigodes de um gato, talvez soubessem relaxar mais e não se cuidar tanto, mas abandonar-se ao mundo.

# EDIFÍCIO KAFKA

*Cuidado, a moto! E agora, a bicicleta, Antonia berrou, no susto. O biscateiro pedala seu carrinho de catador de bugigangas. Passa por dona Antonia e fica aborrecido que os pedestres lhe atrapalhem a passagem. Avança na calçada junto às bicicletas em guerra contra os caminhanes. Ué, até o senhor? Que sempre andou pela rua? Cuidado, moço, assim vai atropelar toda a gente, Antonia disparou o desafio e aguardou a resposta: a rua está é muito perigosa, dona.*

*Oi, vizinha, e essa agora... a gente que saia da frente. Dona Antonia voltou-se para o seu João, também ele retornava da feira: e não é, seu João? Outro dia quase me atropelou a bicicleta, contei ao guarda e sabe o que ele me respondeu? Ah, que jeito, eles têm mesmo que andar na calçada. Os carros estão muito violentos.*

Dona Antonia e seu João tratavam assim da perda das calçadas, quando foram interrompidos por um portão. Isso mesmo, um portão bem diante dos seus narizes, no instante em que se despediam. *Ora, chego em casa e não posso entrar, que novidade é essa?*, Antonia perguntou-se rumo ao bloco seguinte. Aquilo era sem dúvida um sinal do destino que se abateria sobre a cidade. Tantos anos ali no mesmo prédio, para aos poucos ver os moradores darem de ombros. Multiplicavam-se os pequenos infortúnios do dia a dia.

*E agora, esse novo portão entre os blocos, Antonia pensou. As grades da rua já os isolavam — ou os protegiam — do resto, dependendo do ponto de vista, que de um jeito ou de outro era listrado. Seu João, espere aí que vou chamar o porteiro do outro lado.*

As passagens estão cada vez mais raras. Ah, mas como são belas as passagens. E de repente aquela grade ali, apartando os moradores, separando Antonia de João no Edifício Kafka. Dona Antonia ainda olhou para cima, para ver de onde surgira a boa bisca, se não fora parar ali por acidente. Que nada, estava bem colada ao chão, chumbada ao cimento onde um dia vingara um canteiro.

Na cidade, divididos entre portões, os habitantes já não falam a mesma língua. Agora, interromper as passagens entre os blocos — isso já era demais. Ninguém sabia dizer quem decidira pelo portão, mas poupavam-se às perguntas. De todo o modo, a explicação para qualquer medida terminaria em — ou começaria com — “por questões de segurança”. Até a octogenária Esmeralda aceitou dar voltas por fora do prédio, e dizia... não, está tudo bem, é, valoriza o prédio, os apartamentos, é, a segurança. Já para Antonia parecia o início de uma guerra, onde comandos arbitrários eram engolidos por um pessoal miserável e outros tantos que na intimidade pensam... o que vão lucrar com isso eles mesmos. Que morram uns aqui, mas se vendo meu apartamento agora...

Passada uma semana, duas feiras, quatro sustos na calçada e centenas de bicicletas disparadas, dona Antonia está mais paciente diante do portão. É esperar o porteiro no comando do clique para o abre-te sésamo do interfone. A maior parte dos vizinhos já não vê a grade ali, naquele espírito que bem condiz com a capacidade humana de a tudo se acostumar. O morador do primeiro andar, porém, não consegue deixar de ouvir *péem, prack, treck* ao longo de todo o dia.

Quando o porteiro, por algum motivo, deixa o posto de onde controla os mecanismos do novo portão, aí retorna a barreira entre os vizinhos. E o silêncio. Mas de volta ao posto e acabado o impedimento, abre-se o portão e a grade por segundos medidos em *péem, prack, treck* pelo resto do dia. Só a dona Antonia de vez em quando ainda finca o pé, na verdade não se acostumou tanto assim, e seu sinal de protesto é nunca fechar a porta atrás de si. Ainda mais se avista o seu João, aí tem todo o cuidado em deixar encostado o portão, finge uma dor nas costas e vira-se para verificar que ele não bateu. O morador do primeiro andar, que escreve estas linhas, já virou seu fã.



# O CAVALEIRO DA BELA FIGURA (OU DE COMO FAZER INIMIGOS)

*Furte, coma, beba, e tenha amiga,  
Porque o nome d'El-Rei dá para tudo  
A todos, que El-Rei trazem na barriga*

Gregório de Matos, “À cidade e alguns picaros, que havião nella”

Reunidos na taberna, em frente à lareira onde rodavam no espeto pedaços desiguais de cebola, maçãs embebidas no próprio mel e batatas tostadas, todos se encantavam com o rapaz tão desenvolto, cuja destreza com as palavras espantava a fome e deleitava os frequentadores uma terceira noite. Há três dias a nevasca castigava o vilarejo, e ele esperava o fim da tormenta para seguir viagem.

Um ouvinte admirado não pôde conter seu assombro:



— Veja aqui como todos gostam de você! Torceremos fatalmente para que o tempo continue assim por vários dias.

— Ora, eu sei como é isso — respondeu o viajante. — Até meus inimigos gostam de mim.

— Mas você tem inimigos? — perguntou seu interlocutor em protesto, ao que outros acenaram com a cabeça, igualmente incrédulos.

— Ah, tenho, e muitos.

As sobranceiras ergueram-se curiosas, quem eram os seus inimigos?

— Não vou citar nomes.

— E por que eles não gostam de você?

— Isso eu não sei. O melhor seria perguntar a eles. — Percebendo que deveria mudar o rumo da conversa, tirou um livro do bolso e o deixou cair na mesa pela força de seu peso.

— Vou contar uma coisa a vocês. Toda vez que alguém causa uma boa impressão, ganha um inimigo. É verdade, apenas não conseguimos muitas vezes perceber de imediato, imersos em nossas ações e devaneios. Está aqui em Oscar Wilde: “A cada bela impressão que causamos, conquistamos um inimigo”.

Na taberna, silêncio. Num instante de pavor, alguns se entreolharam, excitados diante do perigo de se revelarem inimigos em alguma ação inesperada. Mas logo sorriram, aliviados por estarem todos em paz com o cavaleiro que os impressionara tanto. Era bom ouvir lições inesperadas e a iminência do perigo só fez aumentar o conforto de estarem entre amigos.

— Há estrelas lá fora — o viajante espiava pelo vidro da janela.

Não se ouvia mais o vento. Sem um rangido de cadeira, até o homem do balcão detivera-se com a toalha na mão, esquecido de lavar os pratos e as canecas de vinho. Estava cada copo em seu lugar. O único ruído, os estalos dos gravetos na lareira.

— Passou a tempestade — sua voz traiu certa comoção ante a ideia de partir.

Todos estavam intimamente consternados com a partida do forasteiro. Dois pequenos olhos fixavam-se nele por detrás do balcão. Duas labaredas na face rubra da mulher que se voltou tímida quando percebeu ter sido notada. Retomou agilmente seus afazeres na pia. Tarde demais, era evidente a forte impressão que o estranho lhe causara. Notava-se no rosto jovial que ela ficara especialmente comovida e triste em constatar o fim da tempestade.

O silêncio desta vez desceu incômodo. Mudo, o viajante virou-se com outra expressão no rosto e então voltou a sentar-se. Estava claro que pretendia retomar a conversação.

— Mais uma rodada de vinho! — o homem do balcão gritou a todos.

E no tilintar dos copos, sinos de pura felicidade: o viajante recuperava o fôlego. A garota, no balanço ingênuo da cabeça, revelava o encanto das palavras que chegavam a seus ouvidos. Somente um rapaz denotava um semblante amargurado, e contorcia-se na cadeira, sem encontrar posição confortável. Ali, diante do forasteiro, na mesa fora do alcance de sua vista, olhava em direção ao balcão. Sua mirada atravessava a penumbra até o rosto embevecido da mulher. Ali, o ódio começava a nascer na mesa solitária do rapaz, no desconforto da cadeira, no fel engolido à força a cada bela impressão causada pelo viajante.



# NATAL CLANDESTINO

Dentro do ônibus, Alice viu nas pequenas baratas o anúncio do verão. E pela janela escancarada viu nos monocórdios enfeites das calçadas o anúncio do Natal. Estava sem forças para mover-se no calor. Mas ter a coragem de sair de casa e tomar o ônibus para encontrar os amigos no bar em Ipanema era um ato heroico, e isso lhe devolveu o estado de alerta. Começou a interessar-se pelas pessoas no trajeto, parece que todos saem às ruas, pensou. Foi tomada de surpresa pela música. Não está muito cedo para se desejar feliz Natal? O coro na sacada de uma loja cantava com fôlego sob os gorros vermelhos. Impressionada com o público na esquina, olhou para a mulher sentada à sua frente que se virava com ânimo excessivo:

— Eles fazem isso todo ano!

O ônibus venceu o trânsito e passou ao longo do amontoado de gente na porta da loja. A mulher completou, ainda:

— É tão bonito!

Alice já ia torcer o nariz, quando o sorriso abriu-se largo pela visão que lhe lavou a alma: no meio do círculo de gente, virado não para assistir ao coro mas para a plateia na calçada, cantava um maltrapilho. Sacudia o corpo, a cabeça, um dos

braços, os dois ombros. Ouvia a música e dançava, a essa altura líder da banda. De boca aberta, era dele o show. Alice viu a alegria naquele rosto impróprio, é tão bonito!, repetiu, mas não entendeu como só ela o via, porque a mulher continuou com os olhos no coro e na neve de espuma e isopor que caía incessantemente no rosto anônimo flamejante.

# A VER SE PASSA

As praças têm alma, e as esquinas. O vento passa em silêncio, rasteiro, desalinha os cabelos. E as folhas das árvores. Não pede passagem, passa, apenas, como as nuvens passam. Assim aprendi: não mexo com ele, nem ele comigo, e ele segue, deixa-me viver. Assim também a dor. Eu passo, vamos ver se ela passa também.

Saio com as cores. De braços dados com o marrom de luzes fúnebres e adocicadas. O casaco sai do armário com perfume de muito tempo guardado. O aroma do café fura caminhos no peito para que a alma respire e limpa a ruga na testa. Passa o franzido do corpo, sacode as nuvens da toalha e o calafrio dos dentes. Até aqui ninguém morre, você dorme e respira, e isso basta.



# A ESCULTURA DE PEDRA E A ÁRVORE DE PAPEL

Origem, Austrália. A árvore de papel é rosa-terra, ou, pode-se dizer: salmão ou pêssego. Aquela cor de fina transparência se destaca entre o verde da mata, no jardim. Bem próxima, está uma escultura que adotou a mesma cor. Como ela chegou a esta cor, segue um mistério, mas é como se a natureza daquela escultura determinasse: estarás em relação com a árvore da qual te colocarei próxima. Farei de ti espelho.

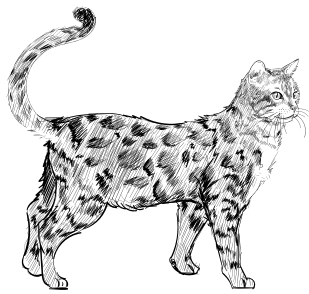
E ali estava a árvore de papel, por sua causa o destino pêssego da escultura de pedra. Se ali estivesse o pau-brasil, a escultura teria se tornado VERMELHA, ou se estivesse o eucalipto, passaria a cobrir-se em tons de PRATA. Isso me comoveu profundamente. Uma escultura que se deixa impressionar tanto. Na forma de um cogumelo gigante, sua borda interna sanfonada abre-se como um livro. Decerto porque muitos leitores deixam-se perder por ali, à sombra da árvore, entre as páginas.



De outra feita, se pudesse, teria partido com os ciganos que andaram a percorrer o jardim. Desde então acha lindo quem dança, o corpo tão leve e cheio de si, apalpa o ar, a brisa, a claridade, com sentidos de dançarina colore o espaço. *Chamaeleon camaleoa*. Anda eufórica por esses dias. Num livro de botânica esquecido no jardim, leu que também as rosas-loucas, família *Hibiscus mutabilis*, grandes flores, mudam de cor num dia, do vermelho para o branco. Perdem apenas para silver star e dádiva: rosas lilases. Elas têm um perfume que é cheiro de lavanda, não é o perfume de rosas. O que as torna tão especiais: essa pitada de surpresa no nariz de quem as cheira.

# DOROTEIA

Por força do hábito, pressionou o acento no teclado do computador. Era o seu nome. Doroteia. Mas que mudara com o novo acordo ortográfico. Era só não apertar a tecla da vogal do ditongo à sua espera, que aquele acento agudo, já encomendado, não apareceria ali. Então voltou-se simulando para si mesmo uma urgência absurda, até imaginar a palavra onde estava despregado, invisível, o acento. Sabendo que deixara um sinal no limbo, esperando para ser impresso. Aquela presença *in absentia* iria macular o texto, o toque planando em suspenso. E num golpe de *tab* fez aparecer o acento agudo na tela. Emocionou-se com o acento em sua pequenez. Observou-se entre a complacência e o poder: a vida daquele acento em suas mãos. E num golpe de coragem e renúncia, o seu atrevimento finalmente: ei, deletou da tela o sinal, e por fim, sem dó, Doroteia, ali se viu.



# O TEMPO DO GATO

O tempo do gato não se recorta no tique-taque de relógios.  
De tocaia, o tempo é outro.

Na casa habitada por um gato e outro, e ainda mais um, total atenção se instaura. É o tempo de quando baixa a noite, o corpo tem que estar atento. Para se desviar das investidas sem propósito, só voo. Os pés com cautela à entrada da casa, vigilantes para o que possa sair dali. Senão vem a enxurrada de um gato escada acima, no seu impulso incontrolável de sentir-se em fuga. Em alegria histórica no instante de ser alcançado. A dizer *não, não quero*, com patas para o ar, boca entreaberta e barriga para cima molengando o corpo.

Um dia a vizinha entrou na casa do gato Poeta um tanto aflita. Ela queria, por sua conta, tomar emprestado a panela... e o que aconteceu é que, batendo a porta atrás de si, pregou-se nela a visão de estantes repartidas entre gatos. No corredor, de volta à sua própria casa, imaginou-se sob a mira de tantos olhos espantados. E na pobrezinha acendeu-se um remorso muito grave: *só fui pegar a panela, mais nada, não roubei nada, não tirei nada*. É o recado que deixou gravado uma, duas vezes, na secretária eletrônica, onde sua voz sem fôlego tornava e retornava a

detalhar o fato: *a panela, era só a panela!*, e parecia comovida com a delicadeza de um ato tão simples, o de apanhar uma panela para a sopa, a pureza de tão desprendido gesto. Sob a vista dos gatos, é que seu ato passava a existir: porque foi visto, podia ser lembrado. Tomava a dimensão de um feito. E na carona do gesto, agitando a alma sem culpa, sua voz, heroica, lançava o que viu: *pois que, sim, vi Poeta*. Diligente, esmerava-se no relato da observação cuidadosa: *como está direitinho, como está bonitinho!* E mais uma vez se exaltava: percebia-se boa, honesta, incompreendida. E com a voz embargada, lamentava, solene, falsamente resignada: *não roubei nada, não roubei nada!* Defendia-se como se falasse para os olhos redondos que a fitavam da pia da cozinha, olhos que a faziam existir.

No entanto, distante do telefone, o gato na prateleira já ia longe. Dormia de queixo para cima, o corpo torcido, revirado, hibernando como urso. Outro gato, enrodilhado sob o cobertor, não soltou um pio. Mas houve quem se espantasse diante de tanta comoção e, arregalando os olhos, parasse a lambida no ato. Também outro abandonou a aranha no meio do combate e estacionou as pupilas, já finas como agulhas na íris iluminada. Ainda assombrados, fitavam o ar, até um pouco aborrecidos. Um pouco sem compreender para que tanta agitação.

Não há brisa sem folhas, sem panos, sem o arrepiado de pelos e fios. Nem nuvens sem o contorno do azul ou destino sem a angústia do tempo. Assim é também com a janela, que ali está só para que exista outra coisa. Outra coisa tal como um gato que olha contra o vidro da janela.

# FRAGMENTOS

TWEETS.

Todo soluço tem uma solução.

Mario Quintana já tinha inventado o Twitter e não sabia. Ou será que sabia?

Antes escrevíamos no papel. E o não dito ficava no ar. Agora o dito fica no ar. Escrevemos nas nuvens.

Esta frase me deu medo: tomar  $\frac{1}{2}$  copo antes de dormir por três meses.

AULAS DE ALEMÃO

I

A babá distraída.

Quando o menino está prestes a solucionar a história, espada na mão e navio no ar, dona Esmeralda atravessa a cena e diz: desça da cadeira, menino, e vá já pra mesa estudar.

É preciso revelar à dona Esmeralda antes de começar a aula: o entorno da mesa é melhor que a mesa.

## II

Declinações.

Conversa ao telefone: “Está na aula? Pode falar? Seu aluno está aí do seu lado?” “Aqui do lado não, debaixo da mesa.” — diz a professora, com orgulho. *Unter dem Tisch*. E olha para ele, cúmplice, do alto da torre (*die Türm*) do castelo (*des Schlosses*) onde ele acaba de entrar para salvá-la.

## III

Truques do menino para salvar a história de chegar ao fim.

A aula acabou. O garoto, capitão no navio, *der Kapitän*, insiste:

— *Geh noch nich!* (não vá ainda).

— Tenho que ir, já é hora do jantar — desculpa-se a professora. E numa tacada, o *Kapitän*, muito galante para um menino de sete... a convida para o restaurante do navio.

## IV

Papéis.

Ele faz um desenho. Este é ele, *der Hund*, um filhote, o cãozinho que Marie ganhou no começo da história. E para minha surpresa, a garota, esta sou eu: Marie.

Quando desenhamos e recortamos peixes, *die Fische*, ele não quer colocar na panela os peixes pequeninos que têm olhos de bebês. Os peixes-bebês, *die Baby Fische*, passaram a assistir à aula com a gente.

## V

A babá distraída II.

Quando a menina com duas cadeiras na sala inventa a cama e começa: — *Gute Nacht!* (boa noite) — *Süsse Träume!* (bons sonhos) — *Hab keinen Angst, mein braver Tobi!* (não tenha medo, meu corajoso Tobi), passa a dona Esmeralda: — Menina, levante já daí e vá estudar! Vem, Tobi, vem! Não atrapalhe a professora.

A menina, sem graça, sem Tobi, olha para a professora. E as duas olham para a história que se desmancha assim.

## DA ARTE

### I

Difícil será convencer alguém de que escrever é trabalho. Ou criar, de um modo geral. Veja aquele ator em cena, tão leve, tão fácil, tão nosso, parece até que é brincadeira. Mas só ele sabe, e as crianças: dá um trabalho danado brincar.

### II

Dá um trabalho danado brincar. Para a criança em ação a cadeira serve, serve para muitas coisas, menos para se sentar. As cadeiras compreendem bem isso e são a favor de destinos menos utilitários para a sua espécie.



### III

Sondar a infância. Nada me tira da cabeça: ali tem.

### IV

Custam a crer que escrever é trabalho. Meu tendão não precisa mais ser convencido. O tríceps sofreu bastante e também já respeita o ofício.

### V

O meu gato tem um emaranhado de lã — serve a ele de objeto fetiche.

Rita viu o gato na lã e disse: veja só, ele atrás do molambinho. Adorei a palavra e agora não é mais lã: é molambinho.

Olhando bem para o meu gato, ele próprio é um molambinho. O meu gato: um molambinho dourado.

### VI

Terminado o livro, tive a impressão de que a vida tinha passado sem que a tivesse vivido. Mas como, se era a vida que estava no romance?

### VII

A linha no franzido da testa salta para o papel, vai juntar-se a outras linhas, mais dispersas.

## VIII

Um disse: escrevo ou vivo. E outro: escrevo ou morro. Outro, ainda: escrevo, e neste instante vivo. Já que vou morrer, espere, deixe-me ler e escrever e viver a eternidade um bocadinho.

Esses envelopes, cantos de papel de propaganda, onde às pressas anotamos coisas sem sentido. “No leite, um limão. Lembrar doze horas depois. Descansar por horas e passar no coador. Dura de três a cinco dias na geladeira.” Foi aí, “½ copo antes de dormir por três meses”.

Escrevi a vida e ela seguiu sem mim. Não, não foi a vida que passou rápido, entre abrir e fechar o livro. É que a vivi duas vezes. Por isso ela parece agora tão distante e gasta.

O medo devora a alma. *Angst essen Seele auf*. Título do filme de Fassbinder.

O brilho da pedra é o brilho da pedra e o brilho do olhar de quem olha. Acabo de vê-la em carne e osso, de senti-la na falange do pé. Cintila a pedra, sem tirar nem pôr, entala na garganta.

O anjo entrega a pena e a tinta, e não desmente, consternado: direi como será. Qualquer brecha no tempo será ocasião de escrever, cada detalhe um soco, o mundo saltará aos olhos como se o vissem com lentes de aumento. Não serão poupados.

O caminho do livro. E eu parada no tempo enquanto tudo voava. As pessoas tinham vivido suas vidas. À minha volta tudo havia envelhecido, minha pele, minhas mãos, menos eu.

Agora, sim, que ando sem escrever, é que me estou poupando. Um pouco anestesiada para não ser invadida e de novo tornar-me trabalhadora incansável. Digo adeus ao livro, para que ele não me assombre mais. O leitor incansável que siga seu caminho.

Não há descanso, não há refúgio, apenas escrever sempre, e os instantes da arte me aliviam deste absurdo que é estar vivo.

# CARTA AO SOL

Somos da mesma altura, a árvore e eu, ela nas próprias pernas, suas raízes sob o asfalto, e eu no quarto andar do prédio. Ensaio pisar ora de leve e ora firme, nesta cidade mais mato e pedra do que mar. Do mar, só a brisa que reparei dá pinote e entra nesta rua que agora é a minha. Diante da árvore minha existência de bicho — que não morde, mas quer aprender com o galo como é que se bica. Um dia aprendo a bicar, porque acreditando que minha força é muita posso ser Quixote se a voz me falta. E cantar para o sol, porque alguém precisa amá-lo e convencê-lo a luzir. E nisso se perde um dia. Ninar também é coisa séria. No escuro posso até dormir se o sol não avança em noite branca.

Se em vez do sol, o silêncio.

Está difícil ser galo. Agora que não se pode cantar. Bicar na verdade não quero, ou não sei, para isso tem que ser mais cheio de si do que tento. Mas me esqueço das horas. Dizem que antes cantávamos mais, três vezes certas. Para o sol brotar e morrer na montanha. Qual a hora do meio? Em que também devemos abrir o bico. Fora das linhas dos morros ou quinas de antenas o que resta é sol a pino. E se ali o sol não ouve ninguém. O celular na palma da mão, a conversa cortada, diferente da conversa de quando se anda junto. Por isso a carta, para que ele escute. Chamar o sol é tarefa que já está no corpo, mesmo nas manhãs esquecidas de nascer. E morrer na montanha é grave e antigo, dessas memórias

de grilo ou de um canto baixinho. O sol a pino é garganta seca, sem ramos, galho, folha, arbusto. Nessa luz sem sombras. Cidade tão fora de mim que anda sem nuvens. Se não me escutam nem posso dizer que foi trovoadas. Não é culpa de trovão se a voz não chega. É que esses ouvidos aí afora não se abalam com gente e bicho. Ficam felizes com mãos sem terra, sem livros, vidas sem rumo. Num alarde tosco e sombrio botam a gente muda e triste. Mas sobre farelos desse torrão natal vamos para o canto na árvore. Cada um leva um pedaço consigo e algo se espicha, quero dizer que está perto. O coração em cada pedaço palpita e vive na pele, nas marcas, até algo ali se cobrir de palavra no lugar da carne viva.

Na luz dura do zênite não há enfeite, e ela ocorre duas vezes ao ano. Olhe que se digo enfeite não é para falar mal da beleza, ela não é enfeite quando há verdade. E a verdade se faz com luz pouca, em diagonais furando a mata. Ela tem piedade e toca a pele gasta com uma carícia de argila que dá gosto apalpar. Porque é uma tinta cor de terra e sabe que somos parte dela. Mesmo se bicho esquisito perdi a força e o espanto de bicho. E vago leve demais, lenta demais para aranha, grilo ou pantera.

É raiva ou sede esse sol fincado sem sair do alto. Dá raiva falar picotado, na conversa onde antes a língua andava solta. Nem será culpa da linha, do chiado no fio, a rede é límpida, com seu alardeado sem nuvem. É preciso dizer algo, escrever qualquer coisa, voltar a pipocar na fileira dos bichos. Antes que o silêncio do outro vire também sumiço. Na palma da mão, no celular, a conversa cortada, diferente de bater perna pelas ruas com direito a café e pôr do sol.

E hoje, sem pressa, minha ferida de bicho. Quero chegar ao verde onde não terei susto de ser vista. Há na árvore um canto escuro, sem sol, um verde fundo, oco na folhagem espessa e fresca. Nesse canto, recorte na copa clara. Em camadas, farelos, nichos, uma arca para cada grito, e é só uma árvore, o que me enche de esperança, porque é só uma árvore e faz esse escândalo de flor, pássaro, ninho, vida. O sol fincou no alto e não me escuta. Mas nas cascas, na poeira à meia-luz a vida sob o sol a pino segue.

# ATRAVESSANDO O JARDIM COM BORGES

O meu gato. Foi por seu olhar que aprendi a fotografar. A câmera Minolta foi nossa aliada. Ele me olhava e... clique! Eu disparava. As pupilas dilatadas do gato fixavam-se na lente. E o obturador abria-se à passagem da luz. Eu aguardava para um único disparo, esperando o momento certo. A cada nova intenção de seu olhar, que variava em espírito e intensidade.

Que fotos impressas irão percorrer as mãos, e quantas vidas ainda falarão das nossas? Nos negativos continua gravada a sua luz.

Numa conversa, contei sobre como comecei a fotografar o gato Charcot.

“Você vê o que está em você.” Talvez, respondi. Mas foi ele quem olhou primeiro.

Posso vê-lo na sua caminhada. Transfere o peso das patas, rebolando o quadril como onça ou tigre. Abaixa a cabeça, mas o olhar, ele mantém no alto. Vira o pescoço para observar a novidade, coloca-se na direção da coisa olhada e pergunta-se, indignado, o que é este sapato no meio do caminho.

Há um ano ele se foi. Segue em outro tempo. Sem um ruído. E nesta manhã, a orquídea amanheceu aberta.

Pensávamos em plantar uma orquídea na árvore onde prestamos nossas últimas homenagens, no alto de uma colina. Mas um fato inusitado trouxe, antes disso, a montanha até nós.

A delicada planta estava sobre o armário de madeira, na sala. E eis que no início de agosto vi os botões aparecerem. Alcancei o vaso e o transportei até a janela sobre a banheira antiga, na prateleira onde havia maior luminosidade. Fiz uma aposta íntima. Tive a certeza de que o primeiro botão iria abrir no exato dia cinco. Completado um ano da partida de nossa pequena estrela. E foi o que aconteceu.

Os amigos, sabendo da boa-nova, trouxeram novas orquídeas. Mais uma e outra a lhe fazer companhia.

“A essa altura já é um jardim.”

Como se o próprio Borges aparecesse a me indicar um poema, abri o livro. O gato... *Sem um ruído. Dono de um espaço fechado como um sonho.* E virei a página. Nenhum ruído da folha. Aqui as águas se bifurcam e o vapor se dissipa, e meu pensamento volta à montanha onde agora descansa o meu pequeno astro.

Atravessando o jardim com Borges, num outro tempo encontro a árvore de meu gato, ali onde ele está e onde eu queria plantar a flor. No dia derradeiro de sua despedida, antes de deixarmos a árvore (e uma borboleta amarela) um galho prendeu-se em meu vestido. Deixe que eu tiro!, e o rapaz que nos ajudava na colina o fez com êxito, sem puxar, apenas um leve balanço. No entanto, em seguida, outro graveto impediu-me de seguir em frente. Dessa vez, o moço foi certo: esta planta é... arranha-gato. E proferiu, com ânimo súbito: ah, ele não quer que você vá embora. Só aí me lembrei das fitas que trouxera com

um determinado propósito: fios dourados que faltavam prender no tronco para que soubéssemos, sempre, qual árvore entre tantas. Fizemos isso. Não sem alguma dificuldade, num galho bem rente ao tronco, próximo à raiz. Logo descemos todos juntos e a planta não mais se agarrou ao vestido.

Atravesso os tempos de um jardim ao outro, os caminhos enfim celebram o que não poderia de outro modo estar aqui. *A criação, uma mistura de esquecimento e lembrança do que lemos.*

“Para vermos uma coisa temos que compreendê-la.”

Borges estava ali para conversar, não havia dúvida. Naquela manhã de agosto, das dobras das páginas suas palavras irromperam no meu tempo presente. Falava comigo de um modo tranquilo. Aguardei para ver se, de súbito, não apareceria Beppo, o seu próprio gato. “A essa altura já é um jardim.” Foi o que ouvi. “É verdade que se parece com um labirinto.” E havia em sua voz um tom autêntico.

Meu gato e eu nos falávamos pelos olhos (de sua parte também algumas mordidas). Éramos o puro tempo do jogo, e agora não sei como agir... sem ele estar presente. Num ímpeto falo o seu nome. Charcot.

Me escuta?

E penso em compor uma cantata. Para que seu nome chegue até ele.

Charcot. Chhh...

Receba o afago no chiado dessa primeira sílaba.

Vi no caderninho uma nota de alguns meses atrás: “um dia, com coragem e ânimo, poderemos levar uma orquídea para a árvore que é sua agora e as flores poderão render-lhe homenagem a cada ano”. Não tinha ideia do que, de fato, iria acontecer.

A orquídea abriu. É onde estávamos.



A orquídea de Charcot.

Amanheceu aberta.

Quando o primeiro botão despertou, reparei com surpresa o narizinho, nesse formato de quando a criança desenha um gato. Foi, no entanto, quando a flor a cada dia espreguiçando-se virou a primeira pétala para trás... que vi.

As orelhas de Charcot.

Já bem abertas contra o fundo claro, notei as ramificações, veios cor de rosa... da própria orelha! Visíveis quando ele dormia de tarde em cima da geladeira à contraluz.

“Vê-se mesmo, o gato!” Borges disse ainda, e apontou a vida de uma pétala, ali onde pequenas veias navegavam infinitas.

A luz, a intensidade, a claridade fosca, o jardim reapareceu uma última vez em iluminada transparência. As pétalas invadidas pela tarde luminosa.

A nascente de um vermelho tênue na pétala entre rosa e lilás, a lembrança da orelha do gato, na pétala sua orelha com o delicado desenho. Agora recebia o afago desta mão.

E meu dedo pela primeira vez tocou o botão — não da planta, mas da máquina. Sim, de novo tomei a câmera. E olhando o meu gato, não nos olhos, mas numa carícia na orelha de quando fechava os olhos, sussurrei-lhe o primeiro clique no ouvido.

Você escreve, você se arrisca. Depois, é só perder as páginas.



“Passado o instante congelado no tempo, Eduarda abaixou-se para apanhar o papel que caiu do bolso, não trazia nada consigo, ainda assim aquele papel, sempre algum picote no bolso, nada escrito, mas serve de pretexto para que se abaixe, com o joelho no chão, as pedrinhas grudavam na pele. Acariciou os fiapos da grama que furava o canteiro. O sol se põe no canteiro, também as mãos se põem ali para a despedida. Aí algo que ainda posso tocar, ela pensa. Enquanto todo o resto está por um fio e me escapa.”



ISBN 978-85-7507-208-0

funarte.gov.br

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES  
**funarte**

MINISTÉRIO DO  
TURISMO

 **PÁTRIA AMADA  
BRASIL**  
GOVERNO FEDERAL